



Neuza Cardoso Neto

Relatório do Projeto de Investigação

A eficácia das atividades preparatórias na produção de textos narrativos
no 1º Ciclo do Ensino Básico

Relatório da componente de Investigação de Estágio
III do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino
do 1.º Ciclo do Ensino Básico

VERSÃO DEFINITIVA

Orientador: Professor Doutor Luciano José dos Santos Baptista Pereira

Julho 2015

AGRADECIMENTOS

“Quanto maior a dificuldade, tanto maior o mérito em superá-la”. (H. W. Beecher)

Durante esta minha caminhada muitas foram as pessoas que me acompanharam e ajudaram a chegar onde cheguei e todas elas irão ter, sempre, a minha gratidão e agradecimento.

Quero agradecer em especial aos meus pais que fizeram de tudo para que eu tivesse esta oportunidade e que sempre me incentivaram a nunca desperdiçá-la. São o exemplo que quero seguir, pela vontade de vencer na vida e por nunca baixarem a cabeça perante as adversidades que a mesma vai colocando no caminho.

Ao meu irmão, Zé, por mostrar sempre orgulho em mim e me ajudar sempre que precisei. Por nunca ter cobrado aos meus pais o investimento que faziam no meu futuro.

Ao David por toda a paciência e compreensão que teve comigo durante estes anos. Por todas as viagens a Setúbal e todo o apoio que me deu que sem ele, muito provavelmente, este percurso não tinha sido tão reconfortante e harmonioso.

À Madalena e ao Luís pelo apoio e carinho que tiveram para comigo, não só durante o meu percurso escolar como pessoal e profissional, foram, também, fundamentais neste processo.

Agradeço também às amigas verdadeiras que fiz ao longo dos anos que estive em Setúbal. Ajudaram-me a ambientar-me e a sentir-me em casa. Foram importantíssimas para que conseguisse efetuar com sucesso este percurso.

Ao professor Luciano Pereira por me ter acompanhado ao longo deste projeto de investigação. Obrigada pelas horas que dispensou para que este projeto fosse elaborado o melhor possível. Agradeço pelos conhecimentos que me transmitiu, que certamente me irão ser úteis ao longo da minha vida profissional.

Por fim quero agradecer às crianças que fizeram parte deste estudo e a todas as outras, pois são elas o melhor do mundo.

RESUMO

A escrita é um dos maiores e mais importantes pilares da Educação. É através dela que se desenrola toda a panóplia de conhecimentos que as crianças vão adquirindo ao longo do seu percurso académico. Esta, ao contrário de muitas outras aprendizagens não se faz de um dia para o outro. A escrita obedece a várias regras e é importante que os professores estejam cientes da complexidade que é ensinar a escrever. O ensino da escrita tem início no primeiro ano de frequência na Escola Básica e continua ao longo de todo o percurso escolar.

Os alunos devem ter conhecimento de todas as regras, para escrever com coerência e coesão, mas, também, devem ter noção de que podem usar a sua imaginação para criar vários tipos de textos, neste caso específico textos narrativos.

O professor assume aqui um papel decisivo na aprendizagem da escrita e na planificação de atividades que impulsionem o trabalho da escrita nas suas várias vertentes. Este tem que ser moderador das aprendizagens para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades.

Este trabalho procura compreender a importância da utilização de atividades preparatórias e de alguns estímulos na escrita de textos narrativos.

O estudo em questão insere-se numa abordagem qualitativa com uma metodologia muito próxima da investigação-ação. A recolha dos dados foi feita através da observação e da análise de documentos que recolhi numa turma de 2º ano de uma escola do 1º ciclo. Para o estudo foram considerados 6 alunos.

A análise que foi feita aos dados permitiu constatar que os estímulos e as atividades preparatórias que foram utilizados não foram muito relevantes para a abordagem dos textos narrativos, uma vez que os alunos que participaram no estudo revelaram bastantes dificuldades em todas as atividades e só em casos pontuais conseguiram escrever textos que se aproximavam da narrativa.

Palavras-chave: Escrita; Estímulos; Textos Narrativos; 1º Ciclo do Ensino Básico; Atividades preparatórias.

ABSTRACT

To our knowledge, writing is one of the biggest standards in Education. Through Education children acquire a lot of guidelines along their academic path. This learning procedure, unlike others, doesn't come out easily. Writing comes along with lots of rules and it is important for teachers to be conscious of its complexity. Learning how to write begins in the first year of the Elementary School and goes through all the education process.

Students must know all the rules to write with consistency and cohesion. They must also be conscious that they can use their imagination to create different types of texts, in this particular case, narrative texts.

In this process of learning how to write and how to plan their activities to develop writing assignments, the teacher has a very important role. He must assure that all the students have the same opportunities.

This work aims to understand the utility of preparatory activities and the importance of stimulating interest on narrative texts writing. To achieve this propose we will use a qualitative approach, with a methodology very close to research procedures. The data collection was made through the observation and analyses of sources that were collected in a second grade class in an Elementary School. For this case study six students were considered.

The analyses made to the data allowed to conclude that the stimulating and preparatory activities which were used were not relevant to the approach to narrative texts, once the students who participated in the case study revealed lots of difficulties in all the activities. Just in some cases they achieved to write texts which approached to a narrative.

Keywords: Writing; Stimulating; Narrative texts; Elementary School; Preparatory activities.

ÍNDICE

CAPÍTULO I	10
As competências da escrita.....	10
A Criatividade e a Escrita de Textos Narrativos	13
A Escrita de textos narrativos no Programa de Língua Portuguesa do 1º Ciclo...	15
Fatores cognitivos, emotivos e sociais da escrita narrativa	20
CAPÍTULO II.....	24
Metodologia de Estudo	24
Opção Metodológica.....	24
Contexto de trabalho.....	27
A negociação	29
Observação Participante	30
Análise Documental	31
Instrumento de análise de documentos	31
Procedimentos	34
A implementação	37
1º momento	37
Reflexão sobre a 1ª atividade.....	41
2º momento	41
Reflexão sobre a 2ª atividade.....	42
3º momento	43
Reflexão sobre a 3ª atividade.....	44
4º momento	45
Reflexão sobre a 4ª atividade.....	45
5º momento	46
Reflexão sobre a 5ª atividade.....	47
CAPÍTULO III	48
Análise e reflexão sobre os dados recolhidos	48
Considerações finais	54
Referências Bibliográficas.....	58
Anexos.....	61
Anexo 1- A Tartaruga Carapacinha.....	62
Anexo 2- Se eu fosse um instrumento	63

Anexo 3- O animal inventado	65
Anexo 4- Imagem	67
Anexo 5- Música	69
Anexo 6- Imagem utilizada na atividade 4	71
Apêndices	72
Apêndice 1	73
Apêndice 2	74
Apêndice 3	75
Apêndice 4	76
Apêndice 5	77
Apêndice 6	78
Apêndice 7	79
Apêndice 8	80
Apêndice 9	81
Apêndice 10	82
Apêndice 11	83
Apêndice 12	84
Apêndice 13	85
Apêndice 14	86
Apêndice 15	87
Apêndice 16	88
Apêndice 17	89
Apêndice 18	90
Apêndice 19	91
Apêndice 20	92
Apêndice 21	93
Apêndice 22	94
Apêndice 23	95
Apêndice 24	96
Apêndice 25	97

INTRODUÇÃO

“As crianças estão sempre prontas para aprender- é só uma questão do que vão aprender, como vão aprender, e em que contexto vão aprender”

Carlton & Winston (1999)

O presente relatório tem como objetivo dar a conhecer a investigação desenvolvida ao longo do período de estágio da Unidade Curricular Estágio III presente no plano de estudos do 2º ano do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico.

Esta investigação decorreu numa escola de 1º Ciclo em Brejos de Azeitão com uma turma do 2º ano.

O tema deste Projeto de Investigação surgiu após alguns momentos de conversa que fui tendo com a professora titular da turma. Eu mostrei-lhe o meu interesse em trabalhar um tema relacionado com a Língua Portuguesa e ela achou bastante pertinente visto que vinha a desenvolver um projeto sobre a escrita de textos desde o 1º ano. Assim, esta propôs-me que trabalhasse a escrita de textos narrativos porque este tema aparece no Programa de Português do 1º Ciclo mais especificamente a partir do 2º ano e ela vinha a notar que os alunos tinham alguma dificuldade em perceber a estrutura de um texto narrativo.

O tema agradou-me bastante porque a escrita é uma das coisas que todas as crianças querem aprender. Desde cedo que são confrontadas com a escrita e mostram desejo de escrever. Assim, começam por desenhar garatujas que para elas tem o significado que a escrita tem para nós. Ao entrarem para o 1º ciclo as crianças mostram-se ansiosas em aprender a ler e a escrever, pois percebem que a escrita é uma forma de estarem em contacto com os outros.

Sendo esta uma fase marcante para qualquer criança, inclusivamente para mim que ainda hoje recordo com saudade este ciclo de estudos, enquanto permanece no 1º ciclo a criança tem que ser confrontada com um ambiente em que se proporcione uma aprendizagem significativa, livre e que desperte na criança interesse em aprender cada vez mais. Aqui, o papel do professor é preponderante para que isto aconteça uma vez que este tem que se mostrar disponível para apoiar a criança nas

suas dificuldades e ser moderador das aprendizagens e não o detentor de toda a sabedoria.

No caso específico da escrita o professor tem um papel bastante importante pois escrever é um ato bastante complexo e implica um grande desenvolvimento cognitivo, social e emotivo na criança. Numa primeira fase a criança tem dificuldades a nível motor, pois não consegue ter coordenação para desenhar as letras, depois quando já se apropriou de todas as letras e já as sabe desenhar a criança depara-se com outra dificuldade, a escrita de textos. Muitas crianças escrevem grupos de frases e pensam que escreveram um texto. Ainda não têm a noção de texto e como este se estrutura. Cabe ao professor criar um ambiente propício à escrita de textos. Um ambiente descontraído onde a criança possa errar, escrever o que pensa, fazer chuvas de ideias e aí, depois, o professor trabalhar com ela a estrutura de um texto.

Centrando-me mais no tipo de texto narrativo, é importante que o professor desde início trabalhe as várias etapas de uma narrativa. É fundamental que a criança se aproprie da estrutura do texto narrativo para posteriormente ser capaz de criar um. As crianças têm que ter sempre em mente que um texto narrativo obedece à estrutura:

1. Introdução
2. Desenvolvimento
3. Conclusão

Sabendo estas três etapas o professor tem, também, que mostrar às crianças o que escrever em cada uma delas. O que acontece na maioria das vezes é que as crianças não sabem onde colocar as informações e por isso o texto fica confuso e pouco coerente.

Na turma onde desenvolvi o meu projeto de investigação, no âmbito de uma proposta feita pela biblioteca escolar, construímos um placard com as regras para o desenvolvimento de um texto narrativo. Com a ajuda da turma fui registando o que deve conter um texto narrativo, quais as suas etapas principais e o que deve constar em cada uma delas. Este placard ficou afixado na parede da sala ao lado do quadro para que sempre que tivessem que escrever um texto narrativo as crianças relembrassem de como se faz.

Antes de qualquer atividade que implicasse a escrita de uma narrativa, eu e a professor titular da turma fazíamos questão de alertar as crianças para o placard, para que estas fossem novamente confrontadas com as regras básicas da narrativa.

Como já referi anteriormente o tema central deste projeto de investigação é a escrita de textos narrativos. Assim, e para trabalhar este tema decidi focar-me em alguns estímulos que podem fomentar o desejo de escrever por parte das crianças.

Não é fácil colocar crianças de uma idade ainda tão tenra a escrever textos narrativos, tanto que este tema só é apresentado no Programa de Português do 1º Ciclo a partir do 2º ano e ainda com uma estrutura muito ténue. Contudo, apostei em trabalhar a escrita através de estímulos pois a meu ver se as crianças forem incentivadas a dar largas à sua imaginação estas conseguem chegar à escrita de textos. Ainda assim, e visto que este projeto de investigação se desenvolveu no início do 1º período os alunos ainda mostravam algumas dificuldades na escrita, pois ainda não dominam as regras da Língua Portuguesa e dão bastante erros ortográficos. O facto de serem confrontados com as suas dificuldades complicou um pouco o desenvolvimento do meu projeto pois muitos deles não queriam escrever porque não sabiam e tinham dificuldade.

Todas as atividades começavam sempre com os alunos a criarem uma chuva de ideias para que depois fosse mais fácil estruturar o seu pensamento e A posteriori conseguissem criar um texto narrativo coeso e coerente.

O tema da escrita é sempre bastante pertinente uma vez que é referenciado ao longo de todo o Programa de Português do 1º Ciclo mais propriamente a escrita com recurso a várias ferramentas de apoio textual e à orientação e avaliação das produções escritas.

Posto isto, o que é esperado com a utilização destes estímulos que instigam a produção de textos narrativos é que estes tenham essa mesma função, de “provocar” as crianças, de as fazer libertar dos seus medos e dificuldades e fazer com que escrevam pequenas narrativas seguindo sempre o estímulo que lhes foi dado e tendo sempre em mente a estrutura de um texto narrativo e obedecendo às suas regras.

Apresentação da estrutura do relatório

Este relatório de Projeto de Investigação está organizado por quatro grandes capítulos.

No primeiro capítulo foco-me sobretudo no Quadro Teórico de Referência onde faço uma abordagem ao tema principal deste estudo bem como a todos os conceitos que o sustentam.

No capítulo II apresento a metodologia em que este projeto foi desenvolvido, identificando e justificando a sua escolha. É também neste capítulo que faço uma breve apresentação do contexto de trabalho, a implementação e negociação do projeto com a turma e ainda os procedimentos que utilizei para a recolha dos dados.

O capítulo III intitula-se Análise e reflexão sobre os dados recolhidos. É aqui que interpreto e faço uma reflexão sobre os textos que recolhi durante o processo de recolha dos dados. Esta reflexão e análise são feitas tendo por base uma tabela que elaborei para avaliar os textos produzidos pelos alunos.

Por fim, no capítulo IV faço as considerações finais, onde faço um balanço deste projeto de investigação, dizendo o que correu bem e o que foi menos bem conseguido. Faço também uma reflexão sobre as aprendizagens que as crianças fizeram pelo desenvolvimento deste projeto.

CAPÍTULO I

“A escrita é uma actividade transversal ao currículo- constitui uma prática integradora de todos os tipos e níveis de conhecimentos”. (Santos e Gonçalves, 2007, p.18)

As competências da escrita

Antes de dar a conhecer a importância da escrita e como esta se desenvolve, acho pertinente definir o que é uma competência. Uma competência, tal como afirma Perrenoud, citado por Santo e Gonçalves (2007, p.9), “é o saber em uso. Uso que se faz dos conhecimentos ou informações que cada um possui”.

Definido o significado de competência, é, agora, pertinente falar da escrita e como esta faculdade se desenvolve nas crianças.

Escrever não é apenas passar do abstrato para o real, não é simplesmente passar para o papel emoções, pensamentos e sentimentos. Escrever, tal como afirma Barbeiro (2000) citado por Pinheiro (2007, p.46) *é um acto abstracto, mentalmente dotado de complexidade, onde o sujeito escrevente tem de organizar e controlar muitas variáveis ao mesmo tempo.*

A linguagem oral e a linguagem escrita são duas competências que nem sempre coincidem pois desenvolvem-se em hemisférios contrários no que concerne à utilização do sistema nervoso central. A linguagem oral desenvolve-se no hemisfério direito do cérebro e a linguagem escrita no hemisfério esquerdo. “*A atividade de escrever assenta numa construção racional e numa organização sequencial*” Vayer e Roncin (1994, p.97) citado por Pinheiro (2007, p.48).

Ao contrário do que se verifica na leitura, a aprendizagem da escrita é um processo lento e tem como base o sistema fonológico. Ao escrever a criança relaciona fonemas com grafemas. Sendo a escrita uma atividade abstrata a criança tem fazer um esforço muito maior para descentrar o seu pensamento da leitura para conseguir escrever.

Contudo a linguagem escrita não está totalmente isolada da leitura. Segundo alguns autores estas completam-se na medida em que a leitura ajuda as crianças a

perceberem melhor a escrita. Segundo McCarthy e Raphael (1992) citado por Carvalho (1999, p.75) *o nível de escrita mais desenvolvido por parte dos bons leitores decorre da interiorização e reprodução das estruturas próprias da escrita que encontram nos livros que lêem*. A leitura estimula as crianças a compreenderem alguns aspetos da escrita. As crianças que têm hábitos de leitura frequentes têm mais facilidade em escrever palavras sem erros ortográficos, uma vez que, ao lerem, ficam com uma imagem mental das palavras. Também a nível sintático, a criança leitora está mais familiarizada com a estrutura da narrativa, o que ajuda na construção de um texto coeso.

A escrita é um processo complexo que se desenvolve em idades muito precoces e começa a ganhar forma através da grafia. A compreensão do funcionamento da escrita desenvolve-se, segundo Piaget, na fase *operacional-concreta* que se inicia aos seis ou sete anos.

As crianças começam primeiro por “desenhar” garatujas que para elas têm significados que elas próprias lhes atribuem. Este contacto com as grafias e com as garatujas são o ponto de partida para que mais tarde a criança seja capaz de escrever de forma fluída, rápida e legível. É muito importante que a criança seja posta em contacto com a escrita em todas as suas vertentes para que se reúnam todas as condições favoráveis ao êxito dessa aprendizagem.

O estudo da escrita não pode ser feito de maneira isolada, pois a atividade grafomotora é, como já referi anteriormente, bastante complexa. Esta atividade está intimamente ligada ao desenvolvimento global da criança. As crianças vão amadurecendo a função grafomotora devido a pequenas aquisições que vão desenvolvendo ao longo do tempo, a nível motor, cognitivo, afetivo e social.

Na fase pré-escolar, que é também a fase pré-caligráfica, as crianças ainda não têm coordenação neuro-psicológica para escrever. Entre os cinco e os sete anos as crianças já adquiriram alguns domínios de escrita, já conseguem fazer traços e grafismos no papel. É a partir dos cinco anos que as crianças adquirem importantes fatores que influenciam a escrita, como a coordenação visomotora, a lateralização, a preensão manual e a direccionalidade.

A coordenação visomotora é importante pois a criança tem que conseguir acompanhar a nível visual o movimento que a sua mão está a fazer. Para que consiga escrever de forma clara e em cima da linha, a criança tem que coordenar os olhos e a mão. A destreza manual depende da coordenação visomotora.

A lateralização é essencial para que a grafomotricidade atinja um nível ótimo. A área que se ocupa desta problemática é a psicomotricidade. As crianças, enquanto são bebés, são consideradas ambidestras, isto é, conseguem manusear os objetos com ambas as mãos. Na fase pré-gráfica a criança começa a demonstrar com que mão se sente mais à vontade para manusear objetos, contudo, é importante que sejam trabalhados os movimentos de ambos os lados, para que a criança mais tarde definir exatamente a mão dominante.

A preensão manual é um dos movimentos motores mais importantes do ser humano. A preensão é a força que a mão realiza em torno de um objeto. Na fase escrita a preensão tem a ver, essencialmente, com a forma como as crianças pegam no lápis. Quando estão a escrever as crianças fazem preensão ao agarrar no lápis e pressão enquanto estão desenvolver o grafismo.

Outra aquisição fundamental para a escrita é a direccionalidade esquerda-direita, tanto dos movimentos oculares como do movimento do braço quando se desenvolvem os grafismos. As crianças têm que ter a perceção de que para escrever existe uma “ordem”, que se começa a escrever da esquerda para a direita e que têm que seguir sempre uma esquema, não podem escrever de qualquer maneira, pois a direccionalidade ajuda a que as ideias que a criança começa a escrever tenham uma sequência.

Como já anteriormente foi referido, o elemento estrutural da escrita é a grafia. Da grafia passa-se à sílaba, palavra e posteriormente à ordenação de palavras que dão origem aos textos.

Apesar de, como já salientei, as crianças em idades precoces já terem contacto com a linguagem escrita, este processo de aprendizagem inicia-se com a alfabetização durante o 1º ciclo e vai-se desenvolvendo ao longo dos ciclos a fim de se aperfeiçoar a técnica.

Na perspetiva de Figueiredo (1994) citado por Pinheiro (2007, p.49) escrever não é uma competência inata. O *saber escrever* parte de uma atualização das atividades cognitivas e metacognitivas onde estão envolvidas operações diversas que são essenciais à atividade da escrita e atuam principalmente a nível da gramática, léxico, ortografia e da textualização. Nesta última estão envolvidas ações como a pontuação e os organizadores textuais de conexão e coesão.

Como anteriormente foi citado, estes domínios desenvolvem-se ao longo do ensino básico. Assim, Álvares Pereira (2000, p.327) citado por Pinheiro (2007, p.49)

considera que *“durante os três ciclos de escolaridade obrigatória, a actividade de escrever é um saber interminável enquanto processo que se constitui”*.

A Criatividade e a Escrita de Textos Narrativos

“A imaginação das crianças deve ser treinada, incentivada, para que apareçam as ideias e com essas ideias a construção de uma história. Todos os métodos são bons para estimular a imaginação das crianças” (Norton, 2001).

Partindo de um ponto de vista de Vigotsky (1998) citado por Santos e Gonçalves (2007, p.18) “a escrita deve ter significado para as crianças despertando nelas a necessidade intrínseca de ser incorporada numa tarefa necessária e relevante para a vida”. Também o mesmo autor refere que “a escrita deve ser ensinada naturalmente (...) como um instrumento natural no seu desenvolvimento e não como um treino imposto de fora para dentro”.

Quando abordamos o tema da escrita de textos é sempre de extrema importância mostrar às crianças o modelo de um texto. Assim, e seguindo o modelo mais utilizado quando se fala na elaboração de um texto, o modelo de Flower e Hayes (1981) é fundamental transmitir às crianças que um texto se divide em três etapas: planificação, redação e revisão.

A planificação é o primeiro passo na escrita de um texto, seja ele narrativo ou poético. Segundo os autores deste modelo Flower e Hayes citado por Carvalho (1999, p. 61) a planificação é o processo através da qual quem escreve forma a representação interna do saber. Isto é, a criança tem que ter uma ideia clara do tema central do seu texto para que, antes de começar a escrever, defina vários objetivos, consiga expor todas as suas ideias e para que nada falte ao seu texto. Nesta parte, a criança vai registar todas as suas ideias, o que quer que faça parte do texto, quando, como, o quê, que personagens, para que no fim, o texto faça sentido. Como afirma Caccamise (1987) citado por Carvalho (1999, p.61) a planificação depende muito dos conhecimentos que, neste caso específico, as crianças têm acerca do assunto, do tipo de texto e da pessoa que vai ler o texto.

Para a planificação de um texto, tal como já foi referido anteriormente, é também necessário que a criança faça uma organização das ideias. O professor pode

ajudar se sugerir um tema, o que vai auxiliar na organização das ideias e estimular o pensamento de mais pormenores para colocar no texto.

O facto de a criança realizar uma planificação exige dela um esforço muito maior a nível cognitivo uma vez que a criança tem uma planificação muito mais estruturada e com uma panóplia maior de ideias a nível mental do que escrito.

No que concerne à redação, os autores supracitados Flower e Hayes (1981) citados por Carvalho (1999, p.64) afirma que esta é o processo de transformação das ideias em linguagem visível. Já na perspetiva de outro autor, Humes (1983) citado pela mesma fonte, assegura que a redação é a transformação do pensamento em representação gráfica. Nesta etapa a criança dá corpo à planificação que fez mentalmente, às ideias que teve tanto mental como graficamente. Neste subponto, redação, há um conceito que segundo Amor (1993) citado por Carvalho (1999, p.64) é fundamental para ajudar a perceber a organização de ideias que a criança faz para a redação do texto que planificou, a linearização. A linearização diz respeito à forma como as crianças ordenam as ideias. Isto é, a “ordenação das unidades linguísticas veiculadoras de significado” Amor (1993) citado por Carvalho (1999, p.64).

Segundo outro autor, Fonseca (1994) citado por Carvalho (1995, p.65) a textualização passa do global à linearidade. O aluno depara-se com um tema central que é sobre esse tema que o texto se vai debruçar, contudo é necessário que siga a linearização para que não se percam pormenores e ideias importantes que vai conferir ao texto essa mesma designação. Estas duas dimensões têm que ser articuladas na perfeição pois é fundamental para a elaboração de um texto coerente e coeso. (Carvalho 1999, p.65) Estas duas dimensões são importantes para a textualização, uma vez que se completam e se relacionam. Segundo Fayol (1994) citado por Pinheiro (2007) *a coerência resulta na inclusão de sequências, de acontecimentos, que dizem respeito a uma representação semântica ou cognitiva da história (...) de uma narrativa. Já a coesão estabelece-se à superfície do texto, especificamente às marcas linguísticas que traduzem as diferentes relações entre os enunciados, entre as proposições de conteúdo semântico.*

A Escrita de textos narrativos no Programa de Língua Portuguesa do 1º Ciclo

“ (...) só em ambiente acolhedor e de apoio se consegue criar a liberdade psicológica na qual (as crianças) podem crescer como escritores” (Foster, 1992)

Há uns tempos atrás a escrita aparecia no Programa Curricular da Língua Portuguesa associada à leitura. Isto é, a iniciação à escrita de textos era feita a partir da leitura de um texto e posteriormente o professor pedia aos alunos que fizessem uma cópia ou ditado e que construíssem pequenas frases de modo a que estes treinassem a ortografia e as estruturas frásicas. Não se dava importância à escrita dos vários tipos de textos. Os alunos tinham que descobrir por si como construir um texto e de que maneira é que o mesmo ficava coeso.

Os alunos não tinham noção de que um texto explicita um discurso e que o que se fala oralmente se pode passar para a linguagem escrita, apenas se tem que conhecer os conectores necessários. Ao contrário do que acontece hoje em dia, a escrita era trabalhada na escola através de ditados que os professores corrigiam e entregavam aos alunos sem lhes dar espaço de aprender mais, de perceber quais as partes fundamentais de um texto, como o poderiam construir e em que moldes.

Hoje em dia a escrita de textos assunto outra importância. Esta mudança deve-se à influência do Construtivismo e ao contacto direto com o meio social. Atualmente a escrita assume um papel preponderante no Programa Curricular do 1º Ciclo pois vários pedagogos assumem que a escrita exerce nas crianças algumas atividades importantes para o seu desenvolvimento, como:

- Atividade cognitiva;
- Apropriação da linguagem e do seu uso;
- Processo comunicativo;
- Atividade contextualizada e intencional;

(Niza, I et al. 2001)

O professor, hoje, assume um papel fundamental no trabalho da escrita de textos, pois este tem que ser um mediador dentro da sala de aula. Não pode inibir o aluno, tem, antes, que lhe dar espaço para que este crie, para que se sinta à vontade

para passar para o papel o que pensou. Isto, claro, sempre com a noção bem presente das partes que constituem um texto.

Assim, e fazendo uma breve análise ao Programa Curricular de Português do 1º Ciclo, vê-se que a exigência vai sendo cada vez maior ao nível da escrita e que a escrita de textos narrativos só aparece a partir do 2º ano.

Objetivos			
	Planificar a escrita de textos	Redigir corretamente	Escrever textos narrativos
1º Ano			1. Transcrever um texto curto apresentado em letra de imprensa em escrita cursiva legível, de maneira fluente ou, pelo menos, sílaba a sílaba, respeitando acentos e espaços entre as palavras. 2. Transcrever em letra de imprensa, utilizando o teclado de um computador, um texto de 5 linhas apresentado em letra cursiva. 3. Legendar imagens. 4. Escrever textos de 3 a 4 frases (por exemplo, apresentando apresentando-se, caracterizando alguém ou referindo o essencial de um texto lido).

2º Ano	1. Formular as ideias-chave (sobre um tema dado pelo professor) a incluir num pequeno texto informativo.	1. Respeitar as regras de concordância entre o sujeito e a forma verbal. 2. Utilizar, com coerência, os tempos verbais. 3 Utilizar sinónimos e pronomes para evitar a repetição de nomes. 4. Cuidar da apresentação final do texto.	1. Transcrever um texto curto, apresentado em letra de imprensa, em escrita cursiva legível, de maneira fluente, palavra por palavra e sem interrupção, respeitando acentos espaços entre as palavras. 2. Transcrever em letra de imprensa, utilizando o teclado de um computador, um texto de 10 linhas apresentado em letra cursiva e mostrar que é capaz de utilizar algumas funções simples do tratamento de texto. 3. Escrever um pequeno texto, em situação de ditado, respeitando as regras posicionais e contextuais relativas à grafia de c/q; c/s/ss/ç/x; g/j; e m/n, em função da consoante seguinte. 4. Escrever textos, com um mínimo de 50 palavras, parafraseando, informando ou
----------------------	---	---	---

			explicando. 5. Escrever pequenas narrativas, a partir de sugestões do professor, com identificação dos elementos quem, quando, onde, o quê, como.
3º Ano	1. Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as.	1. Utilizar uma caligrafia legível. 2. Usar vocabulário adequado. 3. Trabalhar um texto amplificando-o através da coordenação de nomes, de adjetivos e de verbos.	1. Escrever pequenas narrativas, incluindo os seus elementos constituintes: quem, quando, onde, o quê, como. 2. Introduzir diálogos em textos narrativos.
4º Ano	1. Registrar ideias relacionadas com o tema, organizando-as e hierarquizando-as.	1. Utilizar uma caligrafia legível. 2. Escrever com correção ortográfica e de pontuação. 3. Usar vocabulário adequado e específico dos temas tratados no texto. 4. Escrever frases completas, respeitando relações de concordância entre os seus elementos. 5. Redigir textos,	1. Escrever pequenas narrativas, integrando os elementos narrativos: quem, quando, onde, o quê, como e respeitando uma sequência que contemple: apresentação do cenário e das personagens, ação e conclusão. 2. Introduzir descrições na narrativa.

		utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados: retomas nominais e pronominais; adequação dos tempos verbais; conectores discursivos.	
--	--	---	--

Analisando a tabela conseguimos perceber que o foco para os diferentes tipos de texto só aparece a partir do 3º ano. A escrita de textos narrativos só é referenciada, também, a partir desse ano de escolaridade. Primeiro as crianças são postas em contacto com conjuntos de frases, para treinarem as concordâncias frásicas, a coesão e a coerência e só depois trabalham os tipos de textos.

No segundo ano já é abordado o tipo de texto narrativo, contudo, os temas dos textos são “ditados” pelo professor e as informações a conter no texto são: quem, quando, onde, o quê e como. Nesta fase as crianças ainda não estão capacitadas a escrever textos narrativos sem o auxílio do professor pois a escrita para eles ainda é uma novidade e ainda têm muitas dificuldades em organizar e hierarquizar as ideias que têm para a escrita de textos.

A partir do terceiro ano as crianças começam a ter mais à vontade com a escrita e a narrativa assume-se como um tipo de texto muito importante para o desenvolvimento da escrita na criança. À medida que vai passando pelos anos curriculares a criança vai evoluindo, tal como o tipo de texto que vai escrevendo. Assim, no quarto ano a escrita de textos narrativos apresenta descritores de desempenho muito mais específicos e com uma dificuldade mais acrescida pois a criança já se encontra noutro estágio de desenvolvimento.

Fatores cognitivos, emotivos e sociais da escrita narrativa

Para ajudar a criança no desenvolvimento da escrita, o professor deve ter em conta alguns fatores importantes de ordem cognitiva, emotiva e social.

As emoções são bastante importantes pois a criança tem que sentir que o que está a escrever lhe pertence. O texto que a criança escreve tem que ter significado para ela, para que esta escreva com entusiasmo e emoção. Muitas vezes, levadas pelo meio que as rodeia, as crianças não conseguem escrever, ou porque não têm ideias ou porque não conseguem passar para o mundo da imaginação. É nestas alturas que o professor se assume como elo fundamental para estimular a criança a superar as suas dificuldades. Para Barbeiro e Pereira (2007) as emoções vão-se desenvolvendo ao longo de todo o processo da escrita de um texto e para isso os textos escritos têm que ter uma função para a criança. Se uma criança for confrontada com um tema que não lhe lembra nada, que esta nunca ouviu, a criança vai-se mostrar desinteressada se não vai conseguir escrever um texto porque não tem conhecimento a cerca do que está a escrever. Não há uma relação de pertença ao que está a escrever e, assim, não há qualquer passagem se emoção para o texto.

Como já foi referido anteriormente o professor tem um papel preponderante na construção de um bom ou mau escritor. Primeiro porque tem que assegurar que o ambiente criado durante o momento da escrita seja estimulante e seguro. Estimulante no sentido de instigar na criança o desejo de escrever, de provocar a criança, de fazer com que esta queira escrever qualquer coisa. Seguro porque se a criança não sentir que pode falhar, que pode errar, esta vai ficar oprimida e com receio de escrever, de ter ideias que não sejam aceites pelo professor. O professor tem que aceitar todo e qualquer texto, desde que este obedeça às regras da narrativa neste caso específico, porque cada aluno é diferente de outro e todos têm ideias e maneiras de escrever diferentes. O docente tem um papel de mediador deste ambiente e de ajudar as crianças ao longo de todo o processo.

É também fundamental que a criança obtenha feedback por parte do professor. Se sentir que o professor e os colegas aprovam os seus textos a criança vai-se sentir incentivada a escrever mais (Barbeiro e Pereira, 2007). O aluno tem que se sentir livre para escrever, para dar largas à sua imaginação.

Além dos fatores emotivos que já foram referidos, os fatores sociais também se mostram fundamentais para o desenvolvimento da criança enquanto escritora. Como já foi referido, os textos têm que ter algum significado para a criança, por isso mesmo quando se pretende que a criança escreva tem que se ter algum cuidado na escolha dos temas. Se a criança tem o privilégio de pertencer a um contexto social mais abastado e com possibilidades de viajar, de ter livros em casa ou de conviver com muitas pessoas, possivelmente conseguirá mais facilmente escrever sobre mais assuntos em detrimento de uma criança que esteja inserida num contexto social mais pobre.

As crianças devem ter o direito de escolher o tema sobre o que vão escrever. Devem poder criar textos livremente, com base nas suas experiências, conhecimentos e gostos para que tenha uma maior relação com o que escreve e para que se interesse pelo que está a escrever. Então, *“aquele que escreve tem que enfrentar e resolver problemas que integram uma dimensão social, como a tomada em consideração do tema e da situação, das finalidades e dos destinatários”*. (Martins e Niza, 1998)

A finalidade da escrita é, então, comunicar com alguém. É este o ponto-chave que a criança tem que perceber, ela escreve para alguém, para comunicar com outras pessoas, para que alguém leia e perceba o que ela escreve.

No que concerne aos fatores cognitivos vou debruçar a minha atenção sobre as autoras Ivone Niza e Margarida Martins (1998), onde definem dois tipos de modelos para explicar melhor como a criança desenvolve a sua aprendizagem da escrita: o modelo linear e o modelo não linear.

Para os autores que defendem o **modelo linear**, a escrita desenvolve-se em vários momentos. “ (...) inicia-se pela intenção e objetivos de quem escreve; continua através do significado daquilo que se quer comunicar (...) ” o significado que a criança quer dar ao seu texto vai-se organizando segundo regras sintáticas que posteriormente dão origem a conjuntos de frases. Niza e Martins (1998) destacam os modelos lineares de Rohman e Wlecke (1964) e King (1978).

Segundo estes autores o modelo linear desenrola-se em três fases: pré-escrita, escrita e reescrita.

A **pré-escrita**, tal como o próprio nome nos indica debruça-se sobre o antes da escrita. A criança antes de escrever pensa no que vai escrever. Esta é uma fase exigente em que a criança faz a planificação do seu texto e começa a fazer ligação

entre o que pensa e o que vai realmente escrever. A fase **escrita** é, onde a criança desenvolve o ato de escrever. Depois de na fase anterior ter tido as ideias e de ter feito a planificação é nesta fase que vai realmente escrever. O que escreve é organizado em frases que A posteriori vão dar origem aos textos. Esta é uma fase que a nível cognitivo é bastante exigente, a criança é confrontada com uma série de atos que tem que coordenar, como:

- Definir pontos de vista quanto ao assunto que vai tratar, os tópicos;
- Ter em conta para quem se vai escrever, a audiência;
- Desenvolver o assunto;
- Procurar o que virá a seguir àquilo que já se escreveu ou procurar aquilo que deve ser revisto;
- Organizar a conclusão.

(Niza e Martins, 1998)

A última fase, a **reescrita**, consiste na revisão do que foi escrito. Depois de escrever a criança irá verificar se se esqueceu de alguma coisa importante para o texto, se repetiu muitas vezes uma palavra que pode ser substituída ou simplesmente fazer correções de modo a que se obtenha um texto coerente e coeso.

Os modelos lineares foram criticados por serem considerados demasiado simples e lineares pois seguiam sempre o mesmo fio condutor. O pensamento e a escrita estavam separados e dava-se muito mais importância à fase do pensamento e à organização mental do texto do que propriamente à escrita. Agora “pensar em palavras e escrever palavras são processos cognitivos interactivos e recíprocos”. Assim, este modelo não foi aprovado por todos os autores porque as crianças podem escrever enquanto pensam e que a escrita pode alterar o que a criança está a pensar.

Focando-me agora nos **modelos não lineares**, estes, ao contrário do modelo linear não são constituídos por fases de desenvolvimento da escrita, são “um conjunto de processos que ocorrem a qualquer momento, durante a escrita do texto” (Bereiter e Scardamalia, 1987 e Hayes e Flower, 1980 citados por Niza e Martins, 1998).

Estas autoras, Niza e Martins 1998, debruçaram-se sobre o modelo não linear de Hayes e Flower (1980). Estes autores consideram que o ambiente em que a criança está exposta a quando do momento da escrita é fundamental para que esta se inspire sobre o que vai escrever. É também fundamental que se tenha em consideração os

conhecimentos que a criança tem do que vai escrever, por isso o assunto sobre o qual a criança vai escrever tem que ser bem escolhido de modo a que esta tenha conhecimento e que consiga escrever um texto sobre esse assunto. É também de extrema importância que a criança tenha presente a organização de um texto e o que colocar em cada uma das partes constituintes do mesmo. Este modelo define três momentos para o processo da escrita: planificação, tradução e revisão.

A **planificação** consiste na escrita de ideias chave que a criança tem a cerca do que vai escrever, na organização dessas ideias por ordem temporal, o que vai acontecer primeiro e depois, e na identificação do que realmente é importante para pertencer ou não ao texto.

A **tradução** é onde a criança transforma o que organizou previamente na planificação em frases que estejam organizadas segundo as regras gramaticais e que sejam perceptíveis de ler e perceber.

A **revisão** tem como objetivo melhorar o texto, verificar se o texto está coerente e fazer correções gramaticais. Neste modelo a revisão não acontece somente no fim do texto, muito pelo contrário. A criança vai escrevendo e vai fazendo a revisão ao longo da escrita, pois pode alterar o pensamento da criança e ajudá-la a ter mais ideias.

Na revisão, ao contrário do que acontecia com o modelo linear, pode-se alterar a planificação e os pontos que à partida a criança tinha definido como pontos-chave para a escrita do texto. Assim, este modelo é designado por não linear porque o plano do texto pode ser alterado a qualquer altura da escrita. Não seguem um modelo fixo em que tudo tem que ser desenvolvido segundo uma norma.

Tal como aconteceu com os modelos lineares, também os modelos não lineares foram alvos de críticas. Este modelo considera a atividade de escrever uma interação entre quem escreve e o seu escrito. Assim, este modelo defende muito mais os processos cognitivos em detrimento de outros fatores que influenciam a escrita, como é o caso dos fatores sociais. A escrita tem como objetivo ajudar a criança a desenvolver os seus problemas cognitivos, mas também alguns problemas de dimensão social, tal como a escolha do tema e a noção de para quem se escreve. Daí, este modelo não linear dar uma grande importância aos fatores cognitivos mas não descorar os fatores sociais, pois só é possível escrever sobre temas do conhecimento social da criança, temas que esta domine e que saiba falar sobre eles.

CAPÍTULO II

Metodologia de Estudo

Numa investigação em educação podemos utilizar várias metodologias. Este capítulo tem como função primeira dar a conhecer as opções metodológicas que foram levadas a cabo para a realização deste projeto. Deste capítulo fará parte, também, a descrição dos métodos de recolha das amostras a forma como estes foram implementados e em que contexto.

Este projeto foca-se essencialmente em perceber se os estímulos audiovisuais ajudam no desenvolvimento das competências da escrita. Isto é, se as crianças aquando do contacto com estímulos visuais e auditivos têm maior apetência a escrever narrativas com mais ideias originais ou se os estímulos têm a função contrária ou se não têm qualquer implicação na criatividade da escrita de textos.

Opção Metodológica

Este projeto de investigação desenrolou-se seguindo os contornos de uma Investigação-Ação, metodologia naturalista, e com um paradigma qualitativo.

Ao longo dos anos, muitos foram os investigadores em Ciências da Educação que tentaram apresentar uma definição do que é a Investigação-Ação. Apesar da dificuldade em dar uma definição a este tipo de investigação devido à variação do tempo, lugar e contexto (Cohen e Manion, 1990, citado por Esteves, 2008, pág. 16) Cohen e Manion, (1989) citado por Bell (1997, pág.21) apresentam a Investigação-Ação como um procedimento *“com vista a lidar com um problema concreto localizado numa situação imediata (...) o processo é constantemente controlado (...) através de diversos mecanismos (...) de modo que os resultados subsequentes possam ser traduzidos em modificações, ajustamentos (...) de modo a trazer vantagens duradouras ao próprio processo em curso”* (Cohen e Manion, 1989, citado por Bell, 1997, pág. 21).

De uma forma simplificada podemos afirmar que a Investigação-Ação é uma metodologia de investigação orientada para a melhoria da prática nos diversos campos de ação (Jaume Trilla, 1998 e Elliott, 1996). Esta metodologia desenvolve-se em várias etapas: planificação, ação, observação e reflexão.

Este é, também, um estudo naturalista. Afonso (2005, p.43) diz que os estudos naturalistas *“caracterizam-se pela investigação de situações concretas existentes e identificáveis pelo investigador, sem intervenção, em termos de manipulação, física e deliberada, de quaisquer variáveis.”*

Assim, este estudo desenvolve-se num determinado contexto e os instrumentos em estudo são fruto da observação e da recolha de dados nesse mesmo contexto, onde o investigador identifica uma problemática e tenta encontrar uma maneira de lhe fazer frente, sem que para isso haja manipulação de vários fatores ou de controlo de variáveis.

Existem três tipos de estudos naturalistas: descritivos, de correlação e causais/comparativos. Neste projeto de investigação optou-se pelo modelo descritivo, pois é o único onde não há manipulação das variáveis em estudo

No estudo naturalista de moldes descritivos *“procede-se a uma narrativa ou descrição de factos, situações, processos ou fenómenos que ocorrem perante o investigador, quer tenham sido directamente observados por ele quer tenham sido identificados e caracterizados através de material empírico relevante.”* (Afonso, 2005, p. 43)

A investigação-ação pretende dar resposta aos problemas que o investigador identifica.

Tal como já tinha referido anteriormente, este projeto de investigação insere-se na metodologia naturalista e qualitativa. Segundo Afonso (2005, p.14) *“a investigação qualitativa preocupa-se com a recolha de informação fiável e sistemática sobre aspectos específicos da realidade social usando procedimentos empíricos com o intuito de gerar e inter-relacionar conceitos que permitam interpretar essa realidade.”*

Ainda Bogdan & Biklen apresentam cinco características da investigação qualitativa:

1. O investigador é o instrumento principal e a recolha de dados é feita no ambiente natural das crianças.
2. É uma investigação principalmente descritiva.
3. Nesta metodologia dá-se mais importância ao processo do que aos resultados.

4. Na abordagem qualitativa os investigadores analisam os dados de uma maneira indutiva.

5. Tudo o que é estudado tem que ter significado.

De acordo com as características supracitadas, nesta abordagem o investigador assume um papel fundamental e principal.

Através da observação do contexto em que está inserido, o investigador tem a oportunidade de estudar uma situação que considere pertinente. Esse estudo pode ser feito de forma descritiva, recorrendo a situações observadas que sejam relevantes para a investigação. Neste tipo de abordagem, o mais importante para o investigador é o processo e não o resultado ou produto da investigação.

Não há dúvida de que esta investigação assenta numa metodologia qualitativa, contudo esta metodologia assume várias formas.

De acordo com Afonso (2005, p.62), *“apresenta-se uma panorâmica global das diversas estratégias de investigação mobilizáveis no quadro da investigação naturalista: os estudos extensivos, os estudos etnográficos, os estudos de caso, a investigação-acção, os estudos biográficos e as histórias de vida, e, por fim, os estudos de avaliação”*.

Luiza Cortesão e Stephen Stoer defendem que *“o professor, através da metodologia de investigação- acção, pode produzir dois tipos de conhecimento científico: um que se baseia no professor como investigador e outro que se baseia no desenvolvimento de dispositivos pedagógicos (o professor como educador)”*.

Assim, podemos afirmar que a investigação-ação tem como objetivo a reflexão que fazemos de uma determinada ação. Espera-se que a ação que temos durante uma investigação-ação e a sua posterior reflexão ajude a melhorar a realidade, neste caso, da sala de aula. Como investigamos ou nos debruçamos sobre um determinado problema que identificamos na sala de aula, é esperado que depois da ação e da reflexão esse problema seja apaziguado e que haja uma mudança.

Brown e McIntyre (1981) referidos por Chagas (2005) afirmam que esta é uma metodologia principalmente prática *“O investigador/actor formula primeiramente princípios especulativos, hipotéticos e gerais em relação aos problemas que foram identificados; a partir destes princípios, podem ser depois produzidas hipóteses quanto à acção que deverá mais provavelmente conduzir, na prática, aos*

melhoramentos desejados. Essa acção será então experimentada e recolhida a informação correspondente aos seus efeitos; essas informações serão utilizadas para rever as hipóteses preliminares e para identificar uma acção mais apropriada que já reflecta uma modificação dos princípios gerais. A recolha de informação sobre os efeitos desta nova acção poderá gerar hipóteses posteriores e alterações dos princípios, e assim sucessivamente... ”.

Neste género de investigação é, também, importante definir o papel do investigador. Assim, a minha postura neste estudo assume-se como reflexiva uma vez que faço parte do estudo, visto que reflito sobre a minha prática. Este estudo vai ter, assim, um paradigma interpretativo.

Contexto de trabalho

Em jeito de preservar a privacidade dos intervenientes neste projeto de investigação, irei apresentar o contexto através de nomes fictícios. Quanto aos alunos envolvidos no projeto, irei fazer referência através da primeira letra dos seus nomes.

Este projeto de investigação decorreu numa escola de 1º ciclo no distrito de Setúbal. Esta escola iniciou a sua atividade no ano letivo 2010/2011. Como é uma escola recente, em termos de arquitetura já não possui características do tradicional Plano Centenário e está dividida em dois polos: num funciona o pré-escolar e no outro o 1º ciclo.

No que diz respeito à turma onde desenvolvi este projeto esta é composta por 26 alunos, do 2º ano, com idades compreendidas entre os 7 e os 8 anos. Destes 26 anos 13 são do sexo feminino e 13 do sexo masculino. Para o presente estudo foram considerados todos os alunos da turma, pois cada atividade surgia numa hora que fazia parte do horário letivo da turma onde a professora cooperante trabalhar, justamente, a escrita de narrativas, apesar de ter selecionado posteriormente uma amostra de seis alunos para analisar e refletir sobre os seus textos.

O critério que utilizei para a escolha desta amostra teve a ver sobretudo com a avaliação que a professora cooperante fez de cada aluno no 1º período. Assim, selecionei dois alunos com um desempenho bom, dois com desempenho médio e dois que mostram ter algumas dificuldades.

Na turma não há nenhuma criança abrangida por algum plano especial, há apenas um menino que necessita de aulas de apoio porque está um pouco atrasado em relação aos outros alunos da turma devido à mudança de turma que sofreu no presente ano letivo, daí o P ser acompanhado pela professora de apoio da escola.

No geral, a turma tem um bom desenvolvimento cognitivo, nenhum aluno, excetuando o aluno supracitado, apresenta dificuldades na aprendizagem, apesar de terem tempos diferentes de assimilar as matérias.

A sala de aula fica no rés-do-chão da escola e tem uma porta de acesso ao pátio, que é por onde os alunos entram e saem da sala. Tem bastante luz natural devido aos três janelões e à porta que tem. No que diz respeito ao equipamento, esta sala de aula está bem equipada. Tem três armários grandes onde a professora titular da turma guarda os dossiês dos alunos, o material que lhes é pedido ao longo do ano letivo, os manuais escolares de todos os alunos, fichas para trabalhar em sala de aula, livros para trabalhar com os alunos e outros materiais que se destinam ao trabalho em sala de aula. Tem ainda uma bancada com uma torneira e nas várias paredes da sala são afixados trabalhos que os alunos realizam.

As mesas estão dispostas em três filas e em cada mesa estão dois alunos. A secretária da professora está encostada ao lado direito da sala para conseguir ter uma melhor visão sobre todos os alunos.

Ao trabalhar com esta turma consegui perceber que o trabalho desenvolvido pela professora titular está a ser muito bem conseguido, pois os alunos são empenhados, esforçados, aceitam com bastante empenho atividades novas, são bastante receptivos e todos mostram vontade de participar.

Visto que esta escola está situada num bairro social, alguns alunos estão em contacto com realidades variadas no que concerne à vida social e familiar. A maior parte dos alunos quando o horário escolar acaba ficam a cargo dos avós ou de ATL que os vêm buscar à escola. Como a escola está um pouco afastada da cidade, os pais trabalham fora da sua área de residência, daí não serem eles a ir buscar as crianças à escola. Outra realidade que está bastante presente nesta turma é o divórcio. Quase todos os alunos são filhos de pais separados e em que as relações entre os pais são atribuladas.

Dadas estas realidades consegue-se observar comportamentos um pouco diferentes nestas crianças. São mais desorganizadas, esquecem-se frequentemente do material em casa da mãe e/ou do pai e como não é a semana de estar com um ou

outro não levam material para a escola durante uma semana, em suma necessitam bastante mais da nossa atenção e, também, compreensão.

A negociação

Estando ciente da importância em apresentar aos alunos os trabalhos que queremos desenvolver com eles, o primeiro passo deste projeto de investigação centrou-se na apresentação e negociação com a turma e com a professora titular do melhor método e do tempo mais adequado para o desenvolvimento das tarefas em mente.

Sendo este um tema em que a professora titular se vinha a debruçar desde o 1º ano com a turma, esta achou muito pertinente o tema da escrita de textos narrativos e mostrou-se uma mais-valia no planeamento e desenvolvimento de cada atividade. A turma estava, assim, bastante familiarizada com o tema daí não ter visto qualquer necessidade de apresentar o tema na íntegra pois era um trabalho que desenvolviam com alguma regularidade.

Assim, a minha negociação passou por ser feita com a professora titular da turma para que esta me dissesse a que dia seria mais pertinente desenvolver o meu projeto. Achámos que na hora de Apoio ao Estudo, à terça-feira, era a hora ideal, pois as crianças nessa hora estavam mais à vontade e era uma hora em que se trabalhavam as suas dificuldades, logo a escrita estava inserida nas problemáticas a trabalhar com a turma. Outro aspeto que foi necessário negociar com a professora titular da turma foi a escolha dos alunos para a recolha da amostra. Após vários momentos de conversa chegámos à conclusão de que seria mais proveitoso para o meu estudo recolher seis textos. Dois de alunos com bom aproveitamento, dois de alunos medianos e dois textos de dois alunos que não têm aproveitamento a Língua Portuguesa.

Findado o primeiro passo, a negociação, passei a explicar em detalhe à professora e à turma em que consistia o projeto, o que era esperado da parte dos alunos e quanto tempo é que iria durar.

Recolha de dados e procedimentos de recolha

No que diz respeito ao tipo de técnica utilizado para a recolha de dados no presente projeto de investigação, a mesma cinge-se à recolha por técnica, na medida em que se baseia em observações e em análise documental.

Observação Participante

A observação, tal como afirma Máximo-Esteves, 2008, p.87, permite o conhecimento direto dos fenómenos tal como eles acontecem em determinado contexto. É a observar que conseguimos compreender o contexto onde estamos, neste caso específico, a trabalhar, as pessoas que dele fazem parte e como interagem e se movimentam entre si.

Assim, e devido ao tema que me propôs a estudar, encarei a minha observação como sendo participante. Segundo Evertson e Green citados por Michelle Lessard-Hébert (1990, p. 156) a observação participante está dividida em duas vertentes: ativa e passiva. Para os efeitos deste estudo tomei uma atitude ativa, uma vez que registei os meus dados após a observação. Esta vertente da observação participante ajuda o observador a ter uma melhor perspetiva do trabalho desenvolvido pelos observados e a registar os acontecimentos tal como eles acontecem.

Como alguns autores defendem, a observação por si só é insuficiente para se conseguir desenvolver um determinado estudo. Assim, a observação tem que estar aliada a certas técnicas de recolha de informações, como as notas de campo e os diários de bordo.

Para o desenvolvimento deste estudo, além de recorrer à observação para recolher dados guiei-me, também, pelas notas de campo que fui recolhendo a quando da observação. As notas de campo ajudam o professor a refletir e a interrogar-se sobre o que acontecem no contexto “através delas, o professor vê, experiencia e medita sobre o que acontece à sua volta” (Bogdan e Biklen, 1994 citado por Máximo-Esteves 2008, p. 88).

Apesar disto, uma investigação de carácter qualitativo não se pode basear somente na observação, pois pode correr o risco de que os dados não sejam

fidedignos uma vez que os observados podem ser levados a ter determinado comportamento devido à presença do observador e o observador pode ser levado a fazer juízos de valor sobre o observado e os dados recolhido caem em erro. Um estudo desta importância tem que comportar várias, pois nas investigações de carácter qualitativo as técnicas de recolha de dados complementam-se.

Análise Documental

Centrando a nossa atenção nas palavras de Máximo-Esteves (2008, p.92) a análise de materiais produzidos pelas crianças é indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem dos alunos.

O objetivo da análise documental é, tal como o nome nos indica, analisar trabalhos elaborados pelos alunos a fim de perceber se há evolução e se eles respondem aos estímulos do investigador tal como este deseja. Este método de recolha de dados, tal como refere Bell (1997, p.90) é também útil na ajuda da complementação de outras técnicas de recolha, como neste caso específico, a observação.

Assim, neste projeto de investigação a análise documental desenvolvida tende a não ter um carácter avaliativo, onde se fazem juízos de valor a cerca das amostras recolhidas, mas sim refletir em todo o trabalho que foi desenvolvido e como os alunos responderam a todos os desafios que lhes foram impostos.

Instrumento de análise de documentos

Com a finalidade de analisar os dados obtidos de uma forma clara e objetiva utilizei a análise de conteúdo, que posteriormente deu origem às categorias de análise constantes em tabelas. Assim, houve vários pontos-chave que considerei importantes analisar, como:

- Adequação do título ao texto;
- Utilização de personagem principal- Se faz caracterização física e psicológica;

- Utilização de outras personagens (secundárias) - Se faz caracterização física e psicológica;
- Tempo da ação- se no texto o aluno refere em que tempo se desenvolve a ação.
- Espaço da ação- se o aluno refere onde se desenvolve a ação.
- Coerência textual- se o aluno tem um texto coerente, ou seja, se tem a sequência de um texto narrativo, Introdução, Desenvolvimento e Conclusão.
- Introdução- se os alunos têm um parágrafo, ou mais, de introdução onde apresenta o tema principal do seu texto, as personagens o espaço e o tempo;
- Desenvolvimento- se o texto tem ou não um momento de diálogo;
- Conclusão- se os alunos têm um parágrafo final onde apresentam a resolução do problema que apresentaram no desenvolvimento;
- Flexão verbal- verificar se os alunos escrevem o texto obedecendo sempre ao mesmo tempo verbal;
- Concordância Género/número;
- Ordenação Sujeito-verbo-complementos;
- Flexão verbal;
- Repetição- verificar se os alunos repetem muitas vezes algumas palavras.
- Antonímia- se os alunos utilizam antónimos.

A tabela que se segue foi criada para analisar e avaliar as tarefas realizadas pelos alunos, seguindo os tópicos supracitados. Após a análise que fazia dos textos desenvolvidos pelas crianças procedia à avaliação de cada texto a fim de registar uma evolução, ou não, desde o primeiro ao último texto.

Esta mesma tabela assumiu-se como instrumento para avaliação dos dados que fui recolhendo em todos os momentos de implementação das tarefas, que se verificaram em cinco vezes. Os dados obtidos em cada um dos momentos foram analisados segundo a tabela, a fim de fazer uma avaliação e perceber se de tarefa para tarefa havia evolução por parte da amostra selecionada.

No final de cada tarefa recolhi a amostra e analisei-a segundo a tabela que anteriormente se apresentou.

Para o preenchimento da tabela tive em conta os elementos que faziam parte, ou não, do texto que cada criança escreveu. A escolha da amostra, dos textos a analisar, foi feita segundo uma seleção que já foi mencionada antes e que será realçada mais à frente.

Estrutura da Narrativa				
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado
				Não refere
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo
Desenvolvimento				
Conclusão	Existe		Não Existe	
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterizaçã o Física	Caracterização Psicológica
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterizaçã o Física	Caracterização Psicológica
Espaço	Refere		Não refere	
Tempo	Refere		Não refere	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>Flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>	

(Tabela de avaliação de textos narrativos)

Procedimentos

O tema deste projeto de investigação surgiu pelas observações que fui fazendo ao longo dos estágios que efetuei mas as conversas e ideias que troquei com a professora titular da turma onde o projeto se desenvolveu tiveram um grande peso nesta decisão.

Quando comecei a assumir o controlo da turma percebi que havia algumas lacunas no que diz respeito à escrita de textos e posteriormente em conversa com a professora da turma, esta confidenciou-me que já vinha a desenvolver trabalhos na linha da escrita criativa com a turma desde o ano anterior e que eles respondiam sempre muito bem às atividades que ela preparava. Assim, numa primeira fase tentei perceber que ideia é que tinham de escrita criativa, o que é que aquele nome lhes dizia. As respostas foram bastante variadas, contudo, todos tinham noção que tinha a ver com a escrita de textos e com criatividade.

Feita a primeira abordagem ao tema, tentei negociar com a turma o momento da semana em que iríamos desenvolver este projeto. Por conseguinte, ficou acordado que iríamos dedicar uma hora da nossa semana à escrita criativa, mais precisamente à terça-feira na hora do apoio ao estudo.

Apesar de toda a turma participar nestas atividades, foquei o meu projeto somente em seis alunos. Todas as semanas eu levava uma atividade diferente para instigar a criatividade e curiosidade dos alunos.

O espaço que ficou destinado ao desenvolvimento deste trabalho foi a hora do apoio ao estudo que tinha lugar à terça-feira a meio da manhã. Os alunos tinham cerca de uma hora para realizar a tarefa que lhes era proposta.

Depois de os alunos redigirem os textos e de alguns o lerem para a turma, eu recolhia e analisava para fazer a correção dos erros ortográficos e para preencher a grelha de análise dos documentos.

Em suma, os textos eram recolhidos para que eu pudesse fazer uma reflexão, pois segundo Bogdan e Biklen, 1994 citados por Máximo-Esteves pp.103 “ As interpretações iniciais permitem uma compreensão gradual, uma reflexão progressiva sobre as configurações que vão emergindo em torno das questões de partida (...) ”. Era nesta altura que eu conseguia compreender se as tarefas que eu preparava ajudavam a que os alunos conseguissem elaborar um texto mais coerente

e criativo. Quando os textos estavam analisados eram entregues aos alunos para que estes passassem os textos a limpo para lerem à turma.

No que diz respeito às atividades em si, estas dividem-se em seis grandes atividades.

Na **primeira atividade** comecei por relembrar quais os elementos que fazem parte de um texto: introdução, desenvolvimento e conclusão. Nesta primeira atividade quis trabalhar em conjunto com a turma, para me certificar que eles conseguiam desenvolver bem a tarefa. Assim, e aproveitando o facto de a turma ter sido convidada pela escola para escrever uma história para o jornal da escola trabalhei uma história em conjuntos com eles.

Nesse dia uma aluna levou para a sala uma tartaruga e então tema do nosso texto andou à volta da tartaruga. Em conjunto com a turma fomos construindo a história. A turma ia dando as ideias e eu ajudava a ajustar algumas ideias e ia escrevendo a história no quadro enquanto a turma passava para o caderno diário.

A **segunda atividade** consistia numa frase incompleta. Esta atividade tinha como tema central os instrumentos musicais. Levei para a sala uma frase que coloquei no quadro para que os alunos continuassem a frase e elaborassem o texto a partir daquele mote. A frase era: “Se eu fosse um instrumento musical...”. Antes de pedir à turma que escrevesse os textos perguntei-lhes a que perguntas é que tinham que responder ao longo do texto. Todos participaram e davam respostas como: “Que instrumento musical era”, “Onde vivia”, “Qual era o meu nome”, “Qual a minha cor”, “O que gostava de fazer”. Assim, coloquei no quadro as perguntas que os alunos iam colocando para que ao longo da elaboração do texto os alunos tivessem por onde se guiar.

Nesta, tal como em todas as atividades, antes dos alunos começarem a elaborar os textos eu fazia questão de lhes relembrar algumas regras da escrita de textos. Lembrava-lhes que um texto tem sempre: princípio, meio e fim. Isto é: introdução, desenvolvimento e conclusão.

A **terceira atividade** surgiu após a leitura de um texto do manual. A ideia era que os alunos escrevessem um texto sobre um animal inventado. Isto é, a mistura entre dois animais, por exemplo: abelhurso- junção de abelha e urso. Como nunca

era de mais, voltei a relembrar uma vez mais que para escreverem um texto tinham que responder a algumas questões e coloquei no quadro as questões a que tinham que responder.

O **quarto momento** teve um caráter mais abstrato pois os alunos tinham que analisar uma imagem que levei para a sala e escrever um texto com base nessa imagem. Foi o primeiro texto que escreveram sem ter o meu apoio, pois deixei-os totalmente à vontade para inventarem personagens, o título e o tema, sempre baseados na imagem que tinham à frente. Era uma atividade que exigia mais atenção e criatividade, pois todas as ideias eram produzidas por eles.

A **última atividade** era ainda mais abstrata que a quinta. Enquanto na quinta atividade os alunos ainda tinham uma imagem em que se basear e que os conseguia ajudar a tirar algumas ideias, esta última tinha apenas como auxiliar uma música. Enquanto a música ia tocando os alunos iam escrevendo os seus textos. Esta última atividade apelava à sensibilização dos sentidos dos alunos. Ao ouvir a música os alunos tinham que escrever o texto segundo o que a música lhes “dizia”.

No próximo capítulo estas atividades vão ser apresentadas na íntegra. Vou explicar como se desenvolveram, os diálogos que criei com as crianças a quando da implementação de cada atividade e as reflexões que ia fazendo ao longo do processo de recolha dos textos.

A implementação

1º momento

No primeiro dia de introdução do meu projeto escrevi no quadro Escrita Criativa, para perceber o que os alunos entendiam por essa definição. As respostas foram bastante variadas mas quase todas elas estavam mais ou menos relacionadas com o tema. Assim, começaram a surgir os primeiros diálogos, pois à medida que uns iam dando a sua opinião outros discordavam e queriam ripostar.

P.E¹. - Quem é que me sabe ler as palavras que escrevi no quadro?

Turma - Eeuuuuu!

P.E. - Então D., lê lá para toda a turma.

D. - Escrita Criativa.

P.E. - Muito bem! E vocês sabem o que quer dizer Escrita Criativa?

Turma - Siiim!

P.E. - Então M., o que achas que é a Escrita Criativa?

M. - Eu acho que é escrever com imaginação.

A. - Não, não! É para criar histórias!

P.E. - Então, já temos duas ideias. A M. acha que a Escrita Criativa quer dizer que vamos escrever com imaginação e o A. acha que quer dizer que vamos criar histórias.

(Nota de terreno, no primeiro dia de implementação do projeto)

Com as respostas que obtive nesta altura percebi que seria melhor definir a expressão Escrita Criativa apesar da professora cooperante, com já referi anteriormente, já ter trabalhado com a turma esta vertente da escrita, nunca tinha apresentado uma definição à turma, ia trabalhando a escrita criativa sem explicar à turma o que realmente estavam a fazer daí eles saberem que no fundo a expressão Escrita Criativa tinha qualquer coisa a ver com escrever histórias com imaginação. Assim, achei pertinente neste momento definir escrita criativa e apresentar à turma o plano de trabalhos para aquele período de tempo em que iríamos trabalhar a escrita.

¹ Abreviatura para Professora Estagiária

Então, surgiu mais um momento de diálogo:

P.E. – Então já percebi que vocês sabem mais ou menos o que a expressão Escrita Criativa quer dizer. Que é escrever histórias utilizando a nossa imaginação. Mas não fica por aqui!

P.E. – Eu vou trazer, todas as terças-feiras, na hora do apoio ao estudo uma atividade que vos vai fazer refletir...

D. – Refletir?

P.E. – Sim, D., por exemplo, vou escrever uma frase no quadro. Vocês vão ler a frase, pensar muito bem e em seguida vão escrever uma história a partir daquela frase!

Turma – Uaaau!

(começou um burburinho, uns achavam muito difícil, outros não percebiam muito bem como se ia desenvolver a atividade)

Depois de tirar algumas dúvidas a alguns alunos que ainda não estavam muito esclarecidos, passámos a outro ponto importante, a estrutura de textos.

P.E. – A professora C. confidenciou-me que vocês costumam escrever muitos textos, mas que alguns de vocês se esquecem de como estes se estruturam.

P.E. – Quem é que me sabe dizer em que partes se dividem os textos?

Turma – Euuu!

P.E. – R. queres dizer?

R. – O texto tem princípio, meio e fim.

M. – Não! Tem introdução, desenvolvimento e conclusão!

P.E. – Muito bem M. A M. tem razão.

(Nota de terreno, no primeiro dia de implementação do projeto)

Foi neste momento que comecei a falar com a turma sobre a construção de um texto. O facto de ser um assunto em que a turma estava à vontade foi muito mais fácil explicar a constituição de um texto até porque a turma, em conjunto com a professora cooperante, dias antes de eu ter começado o estágio, tinham construído um placard sobre as regras de construção de um texto pois fazia parte do Projeto Educativo da Escola trabalhar com as crianças a escrita, tanto que estas, à vez, por

turmas iam escrevendo, sempre em conjunto com a professora titular, um texto para colocar no jornal da escola.

Ainda assim, achei pertinente dialogar com a turma acerca de que assuntos fazem parte de cada um dos pontos da construção do texto.

PE. – Então o que é que vamos escrever na introdução?

(Silêncio...)

P.E. – J. queres dizer?

J. – Eu acho que devemos dizer sobre o que fala o texto.

P.E. – Muito bem J. Na introdução devemos fazer uma breve apresentação do que vamos escrever no texto, por exemplo...

A. – As personagens.

F. – Onde se vai passar a história.

C. – Como se chamam as pessoas.

P.E. – Muito bem. Já percebi que sabem o que se deve colocar na introdução. Então e no desenvolvimento?

M. – É a história!

P.E. – Sim, é a história em sim. É onde dizemos o que se vai passar com as personagens, onde foram, o que fizeram, entre outras coisas. É neste ponto que desenvolvemos o nosso texto.

T. – E a conclusão professora?

P.E. – Na conclusão o que achas que vamos colocar T.?

T. – É o fim da história. Dizemos como acabou.

(Nota de campo, primeiro dia de implementação do projeto)

Depois de clarificar a estrutura do texto, dei início à primeira atividade², que, como era a primeira, achei pertinente desenvolver em conjunto com a turma. Aproveitei o facto de a turma ter sido convidada a participar no jornal da escola com uma história escrita por toda a turma. Visto isso, pedi que todos sugerissem um tema. Como nesse dia uma aluna tinha levado para a sala uma tartaruga, todos sugeriram que escrevêssemos uma história sobre a tartaruga. O próximo passo foi escolher o nome

² Texto presente em anexo “A tartaruga Carapacinha”

para a nossa personagem. Todos os alunos da turma deram a sua ideia e eu ia registando no quadro. No fim fazíamos uma votação e a escolha do nome da personagem era decidida por unanimidade.

Depois de escolhido o tema, a personagem e o nome da mesma, começámos por construir o texto. Eu comecei por escrever no quadro: “Era uma vez uma tartaruga chamada Carapacinha...”. Entretanto surgiam diálogos:

P.E. : Como querem continuar?

M.B. : Podemos dizer que chegou à nossa turma!

P.E. : Boa ideia M.B.! Então vou escrever “que chegou à turma do 2º A”.
Parece-vos bem?

Turma: Siiiiim.

Isto prosseguiu e continuámos a decidir em unanimidade a cor da carapaça, o que aconteceu à tartaruga, onde aconteceu, como aconteceu. Depois surgiu outro momento de diálogo:

R. –Ó professora, como a sala está a cheirar mal podemos dizer na nossa história que a Carapacinha deita um grande cheirete.

(Nota de terreno, no primeiro dia de implementação do projeto)

Toda a turma assentiu e achou bastante pertinente.

A história continuou com a turma a participar ativamente em todas as decisões. Quando eu percebia que alguns alunos não estavam a participar, pedia-lhes que dessem ideias, o que achavam que ficava melhor no seguimento da história.

Reflexão sobre a 1ª atividade

Esta primeira atividade correu muito bem. Todos os alunos se mostraram entusiasmados e participaram ativamente no desenvolvimento desta história.

Percebi que têm algumas lacunas na estruturação das frases, pois faltam-lhes conectores de frases e alguma coerência. Como o texto foi escrito com a minha ajuda eu ia conseguindo dar um sentido ao texto sem que este fugisse ao tema principal e às ideias que a turma foi tendo ao longo do momento da atividade.

Estou um pouco apreensiva para ver se quando chegar a vez deles escreverem os textos sozinhos não consigam escrever textos com coerência e que se dispersem do tema central.

Achei interessante a iniciativa que alguns alunos mostraram em ler em voz alta o texto que tínhamos acabado de inventar e por isso mudei um pouco os meus planos e achei de grande importância que em todos os momentos de tarefas relacionadas com este projeto os alunos que assim o desejassem fossem à frente do quadro para ler o seu texto para a turma.

Apesar de ter sido eu a escrever o texto no quadro, este foi elaborado pelas crianças, pois todas as ideias que estão presentes no texto foram dadas por eles. Este foi um trabalho coletivo de modo a prepará-los para as atividades futuras.

(Nota de Terreno, primeiro dia de implementação do projeto, 23.10.2013)

2º momento

No segundo momento de implementação do meu projeto, os planos tiveram que ser alterados devido à reflexão que fiz posteriormente à primeira tarefa. Inicialmente a ideia era que na primeira atividade eu ajudasse a turma a construir uma pequena narrativa e que depois fossem eles, individualmente a escrever o seu próprio texto. Isso não aconteceu porque constatei que eles tinham muitas dificuldades na construção das narrativas, então mais uma vez fui eu em conjunto com a turma que desenvolvi o segundo momento de implementação do projeto.

Para lhes dar mais liberdade, ao contrário do que aconteceu no primeiro momento, só os ajudei a decidir o tema e que tópicos deveriam fazer parte do texto. A escolha do título, bem como de todos os outros pontos foi efetuada por votação. Todos

disseram um título, eu ia assentando no quadro e no fim procedia-se a uma votação. Assim, o título escolhido foi “Se eu fosse um instrumento musical”. Depois de encontrado houve momento de diálogo:

P.E.: Então, o que acham que deveremos escrever sobre o nosso título?

D.: Temos que nos apresentar!

P.E.: (assentando no quadro a ideia do aluno) Muito bem D.. É muito importante que se apresentem. Que digam que instrumento seriam, como se chamariam, onde viveriam...

R.: Sim e também podemos dizer de que cor eramos.

P.: E o que gostávamos de fazer.

P.E.: (continuando a assentar todas as ideias que eram dadas pela turma) Excelente! Então já temos bastantes coisas para escrever. Não se esqueçam é que cada um destes pontos tem um sítio certo para se escrever. Na introdução vão-se apresentar e depois vão inventar uma história sobre o vosso instrumento musical...

M.: Pois porque os textos têm que ter introdução, desenvolvimento e conclusão!

P.E.: Muito bem M.!

(Nota de terreno- 29.10.2013)

Reflexão sobre a 2ª atividade

Durante o desenrolar da atividade pude perceber que os alunos ainda não se sentem muito à vontade para construir um texto narrativo. Apesar de eu ter apontado no quadro que pontos é que eles deveriam referir ao longo do texto, estes limitaram-se a responder a esses mesmos pontos, como se estes se tratassem de perguntas.

Em vez de ter recolhido textos narrativos como era suposto, recolhi textos descritivos, onde os alunos apenas se limitaram a fazer a descrever o instrumento musical e a dar resposta àquilo que acordámos, em conjunto, que devia conter o texto que estes iriam escrever.

Mais uma vez fiquei desapontada e um pouco apreensiva pois o projeto não está a ter o desenvolvimento que eu defini e o meu trabalho está a ficar um pouco complicado porque o objetivo principal é avaliar e analisar textos narrativos e os alunos não estão a responder positivamente aos meus desafios.

Quando eu estou a apresentar a tarefa a turma parece estar a compreender e eu fico entusiasmada porque penso que eles vão responder à minha tarefa como eu

idealizo, mas depois ao analisar os textos fico dececionada e de alguma forma preocupada com o desenvolvimento deste projeto.

(Nota de Terreno- 29.10.2013)

3º momento

Como o objetivo deste projeto de investigação é perceber se alguns estímulos ajudam os alunos a escrever textos narrativos, na terceira atividade, ao contrário do que tinha acontecido nas atividades anteriores, não dei qualquer ajuda à turma.

Tal como aconteceu nas atividades anteriores fiz uma apresentação da tarefa e com a ajuda das crianças esmiucei o tema para que fosse mais fácil eles elaborarem o texto.

Esta atividade, tal como as outras, surgiu no seguimento de um texto presente no manual de Língua Portuguesa, onde eram abordados nomes de animais inventados, como: abelhurso- abelha + urso. Assim, o desafio que propus aos alunos foi que escrevessem um texto sobre um animal inventado. A turma tinha que inventar um nome onde juntassem dois animais e depois escrever uma narrativa sobre esse mesmo animal.

Este causou dois sentimentos na turma: confusão e euforia. Alguns ficaram sem perceber bem a ideia e baralhavam por completo o que era suposto fazerem e outros estavam bastante excitados e com vontade começar a escrever e a inventar. Depois de apresentar as atividades ao grupo houve algumas perguntas que ficaram no ar.

P.E.: Perceberam o que quero que façam?

Turma: Siiiiim.

P.E.: Então A., diz-me lá o que achas que é para fazerem.

A.- É para inventar um nome de um animal esquisito.

P.E.: Só isso?

A.- Inventamos um nome e depois falamos dele.

M.- Eu acho que temos que dizer coisas sobre o animal que inventámos.

P.E.: Sim M., vão escrever coisas sobre os animais que inventaram. Vão escrever uma história sobre o animal que escolheram. Vão dizer como é que ele era, como se chamava, onde vivia e depois inventam uma história sobre ele.

G.- Boa! Podemos começar Neuza?

P.E.: Sim, mas não se esqueçam que o texto tem que ter introdução, desenvolvimento e conclusão!

(Nota de terreno- 5.11.2013)

Depois de esclarecidas as dúvidas dos alunos deixei-os criar o texto em total liberdade.

Reflexão sobre a 3ª atividade

Ao contrário do que pensei esta atividade correu bem. As crianças responderam corretamente ao que era pedido. Claro que esta análise é feita de uma maneira geral porque houve alguns alunos que não conseguiram corresponder ao que lhes era proposto.

Penso que o facto de termos trabalhado antes um texto que falava sobre alguns animais inventados ajudou as crianças na construção dos seus próprios textos e fez com que tivessem ideias bastante diversas. Além de fazer uma descrição do animal que inventaram as crianças conseguiram desenvolver uma história sobre esse animal. Não se limitaram a descrever o animal.

Em jeito de reflexão posso dizer que este estímulo, o trabalhar o tema antes de pedir às crianças para escreverem o texto, foi uma mais-valia e ajudou-os imenso na construção dos seus textos. Na minha opinião ajudou-os a formular ideias e a passar as ideias para o papel.

Fiquei surpreendida com os textos que recolhi porque não estava à espera que o grupo respondesse tão bem a este estímulo.

(Nota de Terreno- 5.11.2013)

4º momento

Esta atividade começou, tal como todas as outras, por uma tarefa sugerida no livro de Língua Portuguesa. Então, levei uma imagem e coleí-a no quadro para que toda a turma conseguisse ver. Assim que viram a imagem começaram logo a surgir perguntas.

F.: Professora, é para dizermos o que vemos na imagem?

P.E.: Sim F., vão escrever um texto sobre a imagem.

F.: Podemos dizer que ela é bonita?

P.E.: Sim, mas têm que escrever um texto sobre ela, por isso não podem só dizer o que veem na imagem, têm que imaginar uma história onde entre esta cidade ou aldeia.

M.- Pois, dizemos como se chama, se está sol, quem é que vive lá... não é professora?

P.E.: Sim M., sem nunca esquecer que têm que elaborar uma história, não podem só descrever a imagem. Certo?

Turma: Siiiiiiim.

(Nota de Terreno- 12.11.2013)

Esta foi das atividades em que eu fiquei com mais apreensão por ser uma atividade muito abstrata. O facto de as crianças terem que se basear apenas numa imagem para escrever um texto ia-lhes causar bastante confusão e o resultado podia não ser o esperado.

Fiquei com receio de que uma imagem fosse pouco e que as crianças ao verem a imagem se cingissem apenas à descrição do que viam na imagem.

Mesmo assim, lancei o desafio e deixei-os escrever à vontade o que queriam.

Reflexão sobre a 4ª atividade

Tal como era esperado as crianças limitaram-se a descrever a imagem que coleí no quadro. Eu estava a prever esta situação porque a escrita ainda é uma ferramenta recente nestas crianças e dar-lhes um estímulo tão abstrato para a partir daí escreverem uma narrativa era muito complicado. Contudo, nem todos os alunos

fizeram a descrição da imagem. Alguns conseguiram, numa primeira fase, fazer a descrição da imagem e depois escrever uma história à volta dessa mesma descrição.

Ainda assim, penso que não foi a melhor opção ter levado apenas uma imagem. Teria sido bastante mais proveitoso se tivesse levado uma sequência de imagens pois só assim haveria ação para as crianças conseguirem escrever uma narrativa.

(Nota de Terreno- 12.11.2013)

5º momento

No último momento de implementação deste projeto resolvi levar um trecho de uma música para que as crianças escrevessem uma história ao som da música. Esperava com isto que os alunos se deixassem levar pela música e que esta lhes suscitasse alguma vontade de escrever sobre qualquer coisa. Ao ouvir a música as crianças tinham total liberdade para escrever o que lhes apetecesse. A música foi tocando durante todo o processo de escrita.

Tal como aconteceu na atividade anterior, também esta me causou um sentimento de dúvida, pois à semelhança da imagem, a música também é um estímulo muito abstrato em que a criança não tem qualquer base de suporte para se apoiar para escrever um texto narrativo.

Apresentei a atividade à turma e eles ficaram muito entusiasmados por escreverem ao som de uma música. Quando ouviram a música ficaram surpresos pois não estavam à espera de ouvir uma música clássica, pensavam que iam ouvir uma música que conhecessem. Apesar disso houve bastante confusão na sala porque era a primeira vez que trabalhavam com música de fundo.

Eis que começam a surgir as primeiras dúvidas.

S.: Oh Neuza, mas eu não me lembro de nada para escrever uma história.

P.E.: Então experimenta fechar os olhos e ver o que a música te diz. Vamos pensar, vamos ouvir até ao fim com os olhos fechado e depois volto a colocar a música para vocês escreverem o texto, pode ser?

Turma: Siiiiim.

(Nota de Terreno- 19.11.2013)

Coloquei a música e todos fecharam os olhos para que pudessem sentir alguns estímulos que a música lhes ia dando. No fim houve outra vez um momento de diálogo.

P.E: Então, já conseguiram ter ideias para o vosso texto?

M.: Sim. Parece que há muitos instrumentos e que estão muito felizes.

P.E.: Boa! Então já tens ideias para o teu texto. Mais alguém tem dúvidas ou podemos começar a escrever?

A.: Eu acho que ainda não sei o que vou escrever. Não me lembro de nada!

P.E: Então vamos fazer assim, a música vai estar a tocar o tempo todo em que vocês vão estar a escrever, o que acham?

Turma: Siiiiim.

(Nota de Terreno- 19.11.2013)

Deixei-os a ouvir a música e a escreverem o que a música lhes suscitava.

Reflexão sobre a 5ª atividade

Ao contrário do que pensei a turma respondem muito bem ao que lhes foi solicitado. Conseguiram escrever pequenas narrativas ao som do trecho musical. Apesar de ainda com algumas lacunas no que diz respeito às regras da linguística, a turma de uma forma geral conseguiu ter bastantes ideias para a escrita das histórias.

Assim, penso que este foi um estímulo que lhes permitiu dar asas à sua imaginação e apesar de não terem qualquer suporte a servir de base conseguir com facilidade construir uma pequena história que se enquadra no género narrativo.

(Nota de terreno- 19.11.2013)

CAPÍTULO III

Análise e reflexão sobre os dados recolhidos

Este capítulo surge de modo a fazer uma análise e reflexão dos diversos momentos de intervenção. É aqui que vão ser apresentadas as reflexões respeitantes às avaliações que fiz aos documentos recolhidos no contexto onde este projeto se desenrolou.

A análise e reflexão que vai constar neste capítulo tem um teor global, isto é, vou fazer uma análise e reflexão de cada atividade no geral e não a cada aluno que participou no projeto.

Assim, com este capítulo pretende-se refletir sobre os resultados obtidos nos documentos elaborados pelos alunos e fazer uma análise de cada atividade. Mostra assim, de uma forma geral, os resultados obtidos e que já foram alvo de análise em tabelas de uma maneira individual.

Atividade 1³

Esta atividade, como já tinha referido anteriormente, foi elaborada em conjunto. Isto é, os alunos iam dando as ideias e eu construía o texto no quadro.

O título do texto (A Tartaruga Carapacinha) estava adequado uma vez que a história falava de uma tartaruga chamada Carapacinha.

Na introdução havia uma pequena apresentação da personagem principal, a tartaruga Carapacinha, e do espaço onde se ia desenvolver a ação, na sala do 2ºA.

No desenvolvimento não existe diálogo, uma vez que as crianças construíram frases no discurso indireto.

No que concerne às personagens as crianças fizeram uma apresentação da personagem principal e a sua caracterização física.

A Carapacinha era uma tartaruga com a carapaça verde

Fizeram também alusão a uma personagem secundária, a bruxa, e a sua caracterização psicológica.

³ Consultar tabela- anexo I

Mas um dia, veio uma bruxa à noite, muito irritada (...)

Há uma alusão ao espaço e ao tempo em que esta história se desenvolve.

Posso então, analisando o texto, que este obedece à estrutura de um texto narrativo e que por isso está muito coerente.

Respeitante à coesão textual, as crianças construíram conjuntos de frases com concordância entre o género e o número, as frases estão ordenadas por Sujeito- Verbo- Complementos. Não há indicação de nenhuma data, a flexão verbal é respeitada. Não há repetições nem utilização de antónimos.

No que diz respeito à conclusão, as crianças fizeram o típico final dos contos, o “viveram felizes para sempre”.

Este texto não apresenta qualquer tipo de erro ortográfico porque foi escrito por mim no quadro enquanto as crianças iam ditando a história.

Atividade 2⁴

Ao contrário da primeira atividade, esta foi desenvolvida individualmente.

Nenhum dos seis alunos envolvidos no estudo fez referência a título. Nenhum texto tinha título.

No que diz respeito à introdução, todos os alunos fizeram a apresentação da personagem principal, cinco fizeram a apresentação do espaço e nenhum fez apresentação do tempo em que se desenrolava a ação.

Todos os textos contêm personagem principal, ainda assim só quatro alunos fizeram a caracterização física e três a caracterização psicológica dessa mesma personagem. Ainda sobre as personagens quatro alunos apresentaram personagens secundárias, três descreveram fisicamente as personagens e apenas dois fizeram a caracterização psicológica.

No desenvolvimento apenas dois alunos não colocaram nenhuma situação de diálogo. Três alunos não fizeram qualquer referência ao tempo e ao espaço da ação. Dois fazem referência ao espaço e só um faz referência ao tempo.

Na conclusão apenas dois alunos não concluíram o seu texto.

No que concerne à coerência, quatro alunos apresentam uma sequência típica dos textos narrativos, introdução-desenvolvimento-conclusão. Ainda dentro deste tópico um aluno escreveu um texto pouco coerente, pois o texto não continha conclusão e outro

⁴ Consultar tabela- anexo 2

aluno escreveu um texto nada coerente pois não apresentava introdução, o desenvolvimento era bastante confuso e não havia qualquer referência à conclusão.

Atividade 3⁵

Nesta atividade, tal como aconteceu na atividade anterior nenhum aluno fez referência a nenhum título. Penso que isto deve-se ao facto de o estímulo que foi dado aos alunos ter sido passado de maneira oral. Como esta atividade vinha no seguimento direto de um texto que tínhamos acabado de ler, os alunos acharam que não tinham que colocar qualquer título, pois já se sabia *A priori* que iam escrever sobre um animal inventado. Assim, pode-se afirmar que as crianças ainda não têm bem a noção da estrutura e dos complementos de um texto.

Na introdução cinco alunos fizeram a apresentação da personagem principal e apenas duas apresentaram o espaço da ação. Houve um aluno que não fez qualquer referência na introdução, pois o texto que escreveu foi muito pequeno e não tinha qualquer coerência nem coesão.

No desenvolvimento apenas um aluno introduziu um pequeno diálogo, os outros limitaram-se a escrever o texto utilizando o discurso indireto.

Todos os textos têm personagem principal e todos fazem referência à caracterização física dessa mesma personagem. No que toca à caracterização psicológica apenas um aluno não fez qualquer referência. Nas personagens secundárias quatro alunos não referiram sendo que só duas crianças referiram uma personagem secundária mas ainda assim só um é que fez a sua caracterização física.

No que concerne ao espaço e ao tempo, só duas crianças não referiram o espaço da ação e nenhum aluno fez referência ao tempo em que esta se desenrolava.

Em relação à coerência, três textos apresentavam uma sequência própria de textos narrativos, estando assim razoavelmente coerentes, pois sendo a escrita ainda uma atividade recente as crianças ainda cometem alguns erros, nomeadamente na supressão de pontuação o que faz com que os textos não sejam completamente coerentes. Os outros três textos estão pouco coerentes porque não apresentam conclusão, a par dos erros das regras gramaticais que já referi anteriormente.

⁵ Consultar tabela- anexo 3

Relativamente à coesão só dois alunos não conseguir construir frases que concordam em género e número. Todos os textos estão ordenados por sujeito-verbo-complementos e os verbos estão bem empregues. Nenhum texto faz referência a uma data. Nenhum aluno utilizou a antonímia e as repetições que mais se verificaram incidem sobre o pronome pessoal “ele” e sobre o conector “e”.

Atividade 4⁶

Ao contrário do que aconteceu na atividade anterior, todos os alunos deram um título ao seu texto. Apenas dois títulos revelaram não estar nada adequados ao corpo do texto.

Na introdução, no que diz respeito à apresentação das personagens, quatro alunos fazem essa referência e, também, só quatro alunos apresentam o espaço onde é desenvolvida a ação. Ninguém fez qualquer referência ao tempo em que se passa a história.

Respeitante ao desenvolvimento, apenas dois alunos utilizam diálogo entre personagens enquanto os outros quatro limitam-se a utilizar o complemento indireto.

Todos os textos têm personagem principal. Ainda assim, apenas dois alunos fizeram descrição da caracterização física. A caracterização psicológica foi referenciada por três alunos. Ainda sobre as personagens, quatro alunos utilizaram personagens secundárias, contudo só um é que fez a sua caracterização física.

O tempo e o espaço também têm uma importância significativa na escrita de textos narrativos, ainda assim, dois alunos não referiram o espaço da ação e apenas dois referiram o tempo em que esta se passou.

Focando-me agora na coerência dos textos elaborados pelos alunos, posso afirmar que três apresentaram textos razoavelmente coerentes e três pouco coerentes. Isto, como já foi referido anteriormente, deve-se ao facto de os textos não apresentarem conclusão, uma das etapas da narrativa.

No que respeita à coesão, apenas um texto não apresentava frases em que houvesse concordância entre o género e o número. Também apenas uma criança não conseguiu criar um texto em que as frases não obedeciam a uma sequência Sujeito-Verbo-Complementos. Só um texto fazia referência a uma data. Cinco alunos

⁶ Consultar tabela- anexo 4

escreveram textos em que se observa flexão verbal, onde as frases estão construídas obedecendo aos tempos verbais e à pessoa. Só um texto apresenta repetições que como já referi anteriormente se cingem à repetição do pronome pessoal “ele/ela” e ao conector “e”.

Atividade 5⁷

À semelhança do que aconteceu na atividade anterior, todos os alunos deram um título ao texto mas ao contrário do que aconteceu todos os títulos se mostraram adequados.

Na introdução apenas quatro fizeram a apresentação das personagens, só um fez apresentação do tempo e houve um aluno que não fez qualquer referência a personagens, espaço e tempo.

No desenvolvimento, três alunos utilizaram momentos de diálogo enquanto outros três limitaram-se a utilizar o discurso indireto.

Quatro alunos fizeram referência à conclusão, utilizando uma forma muito própria dos contos, o “viveram felizes para sempre”. Dois alunos não concluíram o seu texto.

Todos fizeram referência à personagem principal, contudo, nenhum aluno fez a caracterização física e só dois apresentaram a caracterização psicológica. Ainda sobre as personagens, no que diz respeito às personagens secundárias só um aluno não incluiu qualquer outra personagem no seu texto. Dos cinco que utilizaram personagens secundárias apenas uma fez referência à caracterização psicológica.

Respeitante ao espaço e tempo, quatro crianças referiram o espaço onde se estava a desenvolver a ação e só um é que fez referência ao tempo.

Sobre a coerência textual posso afirmar que nesta atividade, tal como aconteceu na atividade anterior, houve três alunos que construíram textos pouco coerentes, pois tinham textos bastante confusos e que não faziam qualquer referência à conclusão. Os outros três alunos apresentaram textos razoavelmente coerentes porque, como também já referi, existem sempre alguns erros devido ao facto da escrita ainda estar muito “verde” nestas idades.

No que refere à coesão textual, apenas dois alunos escreveram conjuntos de frases que não tinham concordância entre género e número, contudo todos os grupos de frases

⁷ Consultar tabela- anexo 5

mostraram estar organizados por Sujeito-Verbos- Complementos. Só uma criança fez referência a uma data que nos indica o tempo preciso em que a ação se desenvolveu. Duas crianças fizeram bastantes repetições no seu texto, mas particularmente no pronome pessoal “ele” e no conector “e”. À semelhança do que aconteceu nas atividades anteriores ninguém utilizou a antonímia.

Considerações finais

O projeto que agora se conclui teve como objetivo principal verificar se os estímulos e as atividades preparatórias ajudavam os alunos da turma do 2º A escrever textos narrativos obedecendo a todas as regras que estes acarretam. Todos os estímulos e atividades preparatórias vinham no seguimento de conteúdos que eram trabalhados no âmbito da unidade curricular Língua Portuguesa.

As atividades desenvolveram-se de uma maneira regular, uma vez que eram inseridas na rotina das crianças, sempre que possível no mesmo dia e à mesma hora do horário letivo. Decidi optar por esta metodologia para que as crianças tivessem noção de quando é que iríamos trabalhar a escrita, para que soubessem que naquele dia, àquela hora iriam trabalhar a escrita de textos narrativos.

Ao contrário do que era esperado, que eu só ajudaria na primeira atividade e depois os alunos desenvolviam os seus textos individualmente utilizando os estímulos e partindo das atividades preparatórias de cada tarefa, em todas as atividades tive que os ajudar porque estes mostravam estar confusos sobre o que deveriam fazer. Nunca tinham a certeza de que pontos abordar, onde colocar o que queriam escrever. Tive sempre que intervir e ajudar individual e globalmente os alunos. Isto, em conversa com a professora cooperante, deve-se ao facto dos alunos ainda não terem trabalho mesmo a fundo a escrita de textos narrativos. Estes têm estado a trabalhar mais os textos descritivos, daí os seus textos apresentarem bastantes partes em que se limitam a descrever situações em vez de criar histórias narrativas propriamente ditas. Assim, estas atividades foram bastante importantes para introduzir os textos narrativos, mas não foram importantes para trabalhar os textos narrativos em si, porque como referi anteriormente, este conteúdo ainda não tinha sido bem trabalhado por isso as crianças não tinham bem a noção do que era e que regras específicas eram precisas cumprir para escrever um texto narrativo, apesar da professora cooperante ter estado a trabalhar este conteúdo desde o princípio do ano letivo.

Quando comecei a pensar nos estímulos que iria proporcionar aos alunos para que tomassem a liberdade de escrever um texto narrativo, pensei iniciar com estímulos mais concretos, partindo de frases ou de temas, e depois, no fim, apresentar dois estímulos mais abstratos, imagem e música.

A ideia era perceber se havia uma evolução no tipo de texto apresentado pelos alunos. Como é natural a minha ideia sempre foi de que os alunos iriam conseguir muito mais facilmente escrever um texto partindo de um estímulo concreto do que abstrato visto que nesta idade, as crianças ainda estão muito ligadas ao que é real, ao que é “palpável”.

Contudo e depois de analisar os textos pude comprovar que os alunos mostraram muito mais facilidade em escrever os textos partindo de uma imagem ou de um trecho musical. Esta conclusão, na minha opinião, deve-se ao facto das crianças se sentirem mais livres e mais à vontade para escrever sobre o que lhes apetece ao invés de escrever sobre um tema que lhes é imposto. Apesar de darem imensos erros ortográficos de, muitas vezes, a conjugação das frases não ser a melhor e de repetirem muitas vezes os pronomes pessoais e os conectores, as crianças apresentaram textos mais coerentes quando utilizei os estímulos audiovisuais.

Assim, pude constatar que os estímulos utilizados não foram os mais corretos para trabalhar a escrita narrativa. Para este efeito deveria ter utilizado mais estímulos audiovisuais e sequências de imagens, em vez de uma só imagem, pois isso leva as crianças a escreverem textos descritivos e não narrativos porque não conseguem perceber que poderá haver ação.

Penso que uma mais-valia para este estudo teria sido o uso de guiões de escrita de textos narrativos. Assim, as crianças tinham outro suporte e poderiam sempre recorrer ao guião para se certificarem se o texto estava bem estruturado. Outra atitude que poderia ter tomado era a revisão de texto, pois assim os alunos percebiam o que tinha corrido mal e no próximo texto podiam apresentar evolução e mudar o que estava mal no texto anterior. Foi uma das metodologias que tentei implementar, contudo a professora cooperante não consentiu devido ao facto de achar que a turma era fraquinha e que não tinha tempo para desenvolver esse trabalho, pois o foco era a matemática onde estes precisavam muito mais de ajuda e de trabalho.

Penso que outro facto que levou os alunos a não apresentarem textos coerentes e coeso foi estes terem medo de se expressar. Senti que alguns alunos da turma não se sentiam à vontade com este momento de aprendizagem. Alguns deles porque, em conversa com a professora cooperante soube, têm bastante dificuldade na escrita e dão muitos erros ortográficos, então não querem escrever porque sabem que vão errar.

Quando a professora me transmitiu esta informação deixei de me preocupar com a ortografia e comecei a focar-me nos tópicos essenciais da narrativa. Assim, punha os alunos completamente à vontade. Disse-lhes que poderiam escrever como quisesse, sem se preocuparem se davam erros ortográficos ou não, pois não era esse o meu foco de estudo.

Ao ler as tabelas consegue-se perceber que há duas alunas que estão num patamar inferior ao dos outros alunos. A B e a C são alunos muito fraquinhas a Língua Portuguesa e não têm um raciocínio rápido e pouco sabem escrever. Conversando com a professora e estando em contacto com elas consegui identificar o possível problema, pois estas alunas têm muitos problemas na fala. Estas falam como se fossem bebés e isso reflete-se nos seus textos. Muitas vezes escrevem como falam e as ideias que têm são bastante confusas. As alunas C e CM são alunas medianas a Língua Portuguesa e já têm ideias mais concretas. Apresentam textos mais coerentes e coesos apesar de mostrarem algumas dificuldades na concordância género/número e de algumas vezes não colocarem no sítio correto a apresentação das personagens, do tempo e espaço em que se desenrola a ação. Os alunos L e S são alunos de “Muito Bom” a Língua Portuguesa, contudo, no que toca à escrita de textos também não são perfeitos, pois ainda têm um longo percurso a percorrer para conseguirem escrever um texto narrativo completamente coerente e coeso.

O facto de ter utilizado seis alunos, dois de cada nível de aprendizagem também dificultou o resultado positivo deste estudo. Todos os alunos têm ritmos de aprendizagem diferentes e precisam mais ou menos de atenção que outros. No caso das alunas B e C estas necessitam de bastante mais atenção que os outros. O tema também pode ser muito mais difícil para estas alunas do que para os outros o que pode ter influenciado os resultados que obtive.

Os estímulos que utilizei foram uteis para introduzir e começar a trabalhar a escrita narrativa, contudo não se mostraram uteis no aprofundamento desta aprendizagem por não serem os mais apropriados como já referi anteriormente.

Ao longo do desenvolvimento deste estudo senti algumas dificuldades.

A primeira dificuldade sentida deveu-se ao facto da professora cooperante se mostrar desde início reticente à minha presença na sala de aula. Apesar de me ter ajudado durante o projeto, esta mostrou-me sempre que não despendia de muito tempo para a implementação deste estudo. Muitas vezes colocava entraves e não me deixava, nos dias combinados com ela e com a turma, trabalhar no meu projeto, o que me dificultou bastante. Outra dificuldade tem a ver, sobretudo, com a análise dos textos. Esta dificuldade prendeu-se essencialmente com a letra ilegível e com as ideias confusas que apresentavam nos textos. Alguns textos não tinham introdução, desenvolvimento tinha pouco e não havia conclusão, então foi bastante complicado preencher as tabelas com esses textos.

O tempo que tinha para implementar as tarefas também se revelou uma limitação para a elaboração deste estudo. Se tivesse tido mais tempo teria conseguido dar resposta às dificuldades sentidas pelas crianças utilizando a revisão de texto que, na minha opinião, iria ajudar muito mais os alunos a melhorarem as suas competências da escrita. O facto do período de implementação ser escasso também não permitiu implementar outros estímulos que talvez se revelassem mais eficazes.

Considero que se dispusesse de mais tempo para trabalhar este tema, os resultados poderiam ser mais expressivos e talvez conseguisse extrair conclusões muito mais proveitosas e enriquecedoras, tanto para mim como para os alunos que estavam em pleno desenvolvimento da sua relação com a escrita e, em particular com o texto narrativo.

Referências Bibliográficas

- Alves, M. P. (2004). Currículo e Avaliação, uma perspectiva integrada. Porto: Porto Editora.
- Arends, I. R. (2008). Aprender a Ensinar- Editor: Mc Graw-Hill
- Bach, P. (2001). O Prazer da Escrita. Porto: Edições ASA
- Bastos, G. (1999). Literatura infantil e juvenil. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bell, J. (1997). Como realizar um projeto de investigação. Lisboa: Gradiva.
- Biklen, R. B. (1994). Investigação qualitativa em educação. Porto: Porto Editora.
- Carvalho, J. (2007). O Ensino da escrita da teoria às práticas pedagógicas. Instituto de Educação e Psicologia- Universidade do Minho
- DGIDC- Ministério da Educação (2009). Criar o gosto pela escrita- Formação de Professores.
- Egan, K. (1994). O uso da narrativa como técnica de ensino: uma abordagem alternativa ao ensino e ao currículo na escolaridade básica. Lisboa: Publicações Dom Quixote- Nova enciclopédia.
- Lefebvre, M. (1980). Estrutura do discurso da poesia e da narrativa. Coimbra: Livraria Almeida.

- Martins, M., Niza, I. (1998). Psicologia da aprendizagem da linguagem escrita. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mateus, M. Et al. (1994). Gramática da Língua Portuguesa. Lisboa: Editorial Caminho.
- Máximo-Esteves, L. (2008). Visão Panorâmica da Investigação-Ação. Porto: Porto Editora.
- Michelle Lessard-Hébert, G. G. (1990). Investigação qualitativa: fundamentos e práticas. Lisboa: Instituto Piaget.
- Natércio, A. (2005). Investigação Naturalista em Educação. Porto: Edições ASA.
- Niza, I. (et al) (2011). Escrita: Guião de Implementação do Programa de Português do Ensino Básico. Lisboa: DGIDC.
- Pereira, M. (2000). Escrever em português: didáticas e práticas. Porto: Edições ASA
- Pereira, A. L. (2008) Escrever com crianças, como fazer bons leitores e escritores. Lisboa: Porto Editora.
- Pereira, L., Azevedo, F. (2005) Como abordar... A escrita no 1º ciclo do Ensino Básico. Lisboa: Areal Editores.
- Pinheiro, A. (2007). O desenvolvimento da capacidade de elaboração escrita. Santo Tirso: Editorial Novembro
- Pires, A. (2008). Escrever, um ato de aprendizagem.
- Rigolet, S. (2000). Os três P: precoce, progressivo, positivo: comunicação e linguagem para uma plena expressão. Lisboa: Porto Editora.

- Santos, M., Gonçalves, M. (2007). A Competência da Escrita- Ensino Básico e Secundário. Lisboa: Plátano Editora

Anexos

Anexo 1

Atividade 1- A Tartaruga Carapacinha

A Tartaruga Carapacinha

Era uma vez uma tartaruga chamada Carapacinha que chegou à sala número 3 do 2º A.

A Carapacinha era uma tartaruga com a carapaça verde. Mas um dia, veio uma bruxa à noite, muito irritada com a carapacinha por causa do cheirete que ela libertava. Então, a bruxa transformou a carapaça numa carapaça preta.

No dia a seguir a Carapacinha tomou um banho, pôs perfume de morango e os meninos da sala pediram à bruxa Luna que voltasse a transformar a carapaça da tartaruga de novo na cor verde.

A Luna voltou a colocar a tartaruga com a cor original e viveram felizes para sempre.

Anexo 2

Atividade 2- Se eu fosse um instrumento musical...

L-

Era uma guitarra loca chamada Messi. Eu era preto e branco, tinha forma de um 8, tocava rock and rol. Eu vivia no Santiago Barnabeu e movimentava-me a correr.

Eu era muito fixe e as pessoas estavam a recolher o relvado do campo de futebol para eu cantar com outros instrumentos como a bateria. A bateria tinha um autocolante de uma chama de fogo. Quando acabou o espectáculo a bateria e a guitarra foram jantar juntos.

S-

Era uma guitarra. Era castanho clarinho, tinha uma forma de 8 e vivia numa casa. Fasia um barulho muito alto.

Era uma vez uma menina chamada Daniela. Ela gostava de ter uma guitarra. Um dia a Daniela decidiu pedir ao pai. – Pai posso ter uma gitarra? Perguntou ela ao pai. O seu pai disse está bem, amanhã é o teu dia de anos eu dou-te uma guitarra. A Daniela já tem a gitarra. Ela é castanha clarinha.

Tem forma de um 8 faz um som muito bonito faz tam tam é uma guitarra! Quando a Daniela ia para a escola a gitarra pulava para o sofá e deixava-se assim, até adormecer.

B-

Era uma flauta amarela e chamava-me Kitty. O problema foi que a flauta que não tocava porque estava entupida com uma abeilha.

C-

Era uma flauta chamada Cati e era dourada e vivia no castelo e a forma parecia um pau e tinha pernas e o som era fininho.

Um dia apareceu uma guitarra e a flauta e a bateria tocaram.

C.M.-

Era um violino castanho de uma menina chamada Sara. A Sara tinha 18 anos.

A Sara gosta muito do seu violino. Depois foram ver as nuvens.

- Olha pai parece mesmo um violino! – Disse Sara. – É verdade. – Disse o pai. O violino sem ninguém ver começou a andar a andar a andar com silêncio único, para ir para a loja onde comprado, mas depois, apareceu a dona da loja e disse: Este violino devia estar aqui.

M.-

Era uma vez uma viola velha que um dia a Matilde foi buscar. Mas a vida estava estragada e ela foi comprar outra. Ela foi a correr para comprar uma igual mas um senhor comprou e a Matilde comprou uma viola roxa e preta. A Matilde ficou muito contente e fez um estacolo de viola.

Anexo 3

Atividade 3- O animal inventado

L-

Era uma vez um animal chamado tigrebarão ele tinha corpo e cabeça de tigre e cauda de tubarão ele era muito perigoso e vivia numa selva ele podia andar na água e na terra ele comia peixe e carne ele um dia foi para fora da sua selva. Ele tinha andado 400.00km mas ele foi como um foguete ele chegou lá num instante. Ele parou numa ilha e viu uma arca. Ele abriu a arca e disse:

- Tou rico, tou rico. Ele foi outra vez para a escola dele e viveu feliz para sempre.

S-

Era uma vez um animal chamado Voulinda.

Porque ela voa, é linda mas não tem maneiras, é um problema que ela tem. Ela tem corpo de cão com pêlo, cabeça de pelicano e asas de pássaro.

Ela não tem maneiras por que ninguém lhe tinha ensinado a ter maneiras.

Ela é pequenina só tem 3 aninhos, era azul e amarela.

Foi criada sozinha, faz as coisas à sua maneira.

Vai buscar a comida sozinha e come minhocas e milho. Fez a sua casa com palhas e outras coisas para enfeitar.

Aprendeu a voar sem ajuda, e voa bem. Mas um dia quando estava a sair da sua casa caiu e ficou com a pata presa.

Fartou-se de pedir ajuda.

- Ajudem! Ajudem!

Mas ninguém ouvia.

Um dia passou por ali um antigo amigo dela e ouviu-a. Num instante tirou-a dali e os dois foram para casa dela e viveram felizes para sempre.

B-

A cadelinha pássaro voava no céu e comia muitas cerejas com bifes e coisas saudáveis e era vermelha e azul.

É bebé às riscas um dia não comeu nada porque a dona não lhe granulado e dava muitas vezes ao ballet.

C-

Era uma vez uma hienatigre chamada Oca. A cabeça é vermelha, dourado e amarela. O pêlo era de cão e as patas de gato. Ele quer dançar só que o problema é que não sabe dançar. Estava triste de repente apareceu uma fada de asas azuis e cabelo castanho.

M-

Há muito, muito tempo havia um nome muito esquisito que se chamava leopato, era mesmo muito esquisito.

Ele vivia na floresta escura, lá havia para comer cerejas e havia comidas muito esquisitas. Ele tem metade de pêlo e metade sem pêlo e tem cauda de pato e cabeça de leopardo. E aconteceu uma coisa muito grave, foi que a cauda ficou ferida porque ficou presa na árvore e a cabeça de leopardo conseguiu tirar da árvore. E a cabeça de leopardo e a cauda de pato ficaram felizes para sempre.

C.M.-

O formita é pequeno e tem uma carapaça. É preto, vive na lama, anda devagar e roda com a carapaça. No verão anda na areia, ela também come maçãs. A terra dela é a Espanha.

Um dia ela perdeu a carapaça e tentou encontrá-la.

Lembrou-se e lembrou-se e não encontrou nada e disse:

- Onde está a minha carapaça? Desculpe, viu a minha carapaça?

- Vi, está ali na lavandaria.

Anexo 4

Atividade 4- Imagem

Leonardo- Uma cidade cheia de pessoas

Há muito tempo atrás no Brasil havia uma cidade cheia de pessoas.

O chão da cidade era roxo, as casas eram coloridas e o sol era laranja misturado com amarelo.

As pessoas eram simpáticas elas davam presentes aos pobres e também haviam papagaios de papel a voar a vista era linda.

Havia uma casa amarela com um símbolo aquilo parecia uma igreja e haviam pessoas à janela das outras casas até parecia uma família de pessoas enorme e haviam montanhas e muitas palmeiras e árvores grandes e haviam muitas nuvens à volta do sol.

Sandra- A cidade fantástica

Era uma vez uma cidade muito bonita. Havia árvores lindas, meninas e meninos nas escolas casas tão grandes por dentro mas pequenos eram os quitais. Mas um dia veio um monte de vento as crianças tão contentes, os papagaios de papel em casa. As mães não acreditavam.

Nunca tinham visto aquela cidade assim. A cidade estava melhor do que nunca todos naquela cidade estavam muito contentes na verdade nunca tinham visto aquilo.

Naquela cidade todos estavam felizes.

Beatriz- O mundo das cores

Era uma vez , já há muito tempo que existiu o mundo das cores e avia peosas e um dia não seirão da casa porque não tinham dinheiro para nada e um dia tiveram uma ideia foi comsar a tabara.

Catarina- A cidade bonita

Era uma vez uma menina que tinha um vestido azul e vivia numa casa amarelo que tinha uma janela redonda muito bonita.

Um dia foi apanhar flores e areia e um anão dela fazia ano e a filha compra uma égua e tinha uma amiga de vestido cor-de-corsa e um dia a filha compra um cão bebé e a casa era um dalmata era uma fêmea chamava-se bolinha.

E era inverno e estava a neve e não podia sair de casa porque estava muito a chorar e um dia veio a primavera e verão feliz para sempre.

Carolina M.- A Cidade Colorida

Era uma vez uma menina chamada Neusa que vivia na Cidade Colorida.

A Neusa cria muito ter amigos, mas não havia ninguém para ser amigo dela, nessa noite a Neusa sonhou que havia muita gente na Cidade Colorida.

- Maravilhoso!- exclamou ela. Trus Trus! Bateu à porta uma menina chamada Cristina.

- Posso entrar?- perguntou a Cristina.

- Claro que sim, entre. – disse a Neusa.

- Obrigado! – disse a Cristina.

- Quer ser minha amiga? – perguntou a Neusa- É que não tenho amigas. – protestou Neusa

Eu também não tenho amigas. – disse Cristina.

Matilde M. – O dia e a noite

Era uma vez uma menina chamada Maria tinha sempre um vestido violeta ela vivia numa casa amarela e ela encontrou a amiga Carolina e a Maria disse

- Carolina queres ir passear! Disse a Maria.

- Quero mas tu não queres ir ó sepa. Disse a Carolina

- Sim vá vamos! Disse a Maria.

E tiveram das 3 horas às 6 no sepa e ficaram felizes para sempre.

Anexo 5

Atividade 5- Música

L- O piano e a flauta

Era uma vez um piano que sabia cantar muito bem porque ele não trava-a a língua ele era muito falador e estava sozinho ele depois foi a uma festa encontrou um instrumento era uma flauta queria fazer uma música com ele.

E eles fizeram foi uma música tão gira eles repetiram a música e repetiram mais repetiram, etc.

No final os instrumentos saíram e entraram num concurso de música eles chegaram a final e ganharam no dia seguinte eles foram a outra festa cantaram outra vez a música deles e viveram felizes para sempre.

S- O lindo bosque

Era uma vez um lindo bosque, era um bosque único não avia igual, era grande, florido não tinha ladrões. Um dia o principe todas as meninas do bosque ficaram entusiasmadas mas não sabiam o que ia acontecer.

Derrepente o principe anunciou:

- Amanhã vai aver um baile.

Dice o principe.

- Eu gostaria que focem lá ver.

Oje é o dia do baile todas as meninas tinham um vestido.

Mas avia uma menina sem vestido.

O vestido dela rasgou-se cuando estava a dar uma volta.

Derrepente ela lembrou-se que a avó dela podia arranjarlo.

Agora tenho o meu vestido já posso ir ao baile com o meu vestido.

B- A Música suave

À muito tempo que avia musica suave e as peoras gostava e casarão na noite de Natal probolimo foi que no radio não tocava prestava com a bateria das pilhas estão fraca a colução foi modra as pilhas do rádio já começo a dar a muzica do balha avia uma dela chamava-se Kitty come metade do bolo moranga.

C- Neuza

A princesa chamava-se Neuza e cantava uma música de Natal e foi ao restaurante comer bacalhau à brás e encontrou o príncipe a comer carne a cada e casarão e viveram felizes para sempre.

M.- O casamento da Carolina

Era uma vez uma menina chamada Carolina e ela um dia foi à janela e viu um menino chamado Afonso e ela apaixonou-se e ela pediu-lhe para ser namorada dela mas o Afonso disse eu já tenho uma namorada Afonso.

- Como é que se chama Carolina.

- Ela chama-se Neuza Afonso.

- Mas nós podemos ser amigos pode ser Afonso?

- Não eu posso acabar com ela e ela é só minha amiga e tu és a minha namorada.

E eles casaram-se e ficaram felizes para sempre.

C.M.- O casamento do príncipe

Era uma vez um príncipe chamado Tomás e uma princesa chamada Violeta. A Violeta e o Tomás queriam muito ser namorados, mas a mãe do Tomás não deixava que acontecesse isso.

Houve um dia que o Tomás perguntou à mãe porque é que não deixava ser namorado da Violeta e a mãe disse. – Não quero que tenhas namorada nem namorado porque assim vou ser avó! Mas mãe quero mesmo ter um filho. – Disse Tomás. Já que insistes pode ser.- Disse a mãe. Boa! – Exclamou ele.

Depois o Tomás perguntou à Violeta se queria ser namorada dele e a Violeta disse que sim. A Violeta e o Tomás casaram-se e dançaram e ficaram felizes para sempre.

Anexo 6

Imagem Naif utilizada na atividade 4



(Autor desconhecido)

Apêndices

Apêndice 1

Estrutura da Narrativa			Atividade1		(Grupo)
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
	A tartaruga Carapacinha				
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Era uma vez uma tartaruga chamada Carapacinha		(...) chegou à sala número 3 do 2º A.		
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe			Não Existe	
	A Luna voltou a colocar a tartaruga com a cor original e viveram felizes para sempre.				
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterizaçã o Física	Caracterização Psicológica
	Tartaruga Carapacinha			Carapaça verde	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterizaçã o Física	Caracterização Psicológica
	Bruxa				Muito irritada
Espaço	Refere			Não refere	
	Sala nº 3 do 2º A				
Tempo	Refere			Não refere	
	À noite				
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
	X				
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Gênero/númer o</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim	Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim		Não	

Apêndice 2

Estrutura da Narrativa		Atividade 2		(Aluno: L)
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
				X
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Era uma guitarra loca chamada Messi	vivia no Santiago Barnabeu		
Desenvolvimento	Não existe diálogo			
Conclusão	Existe		Não Existe	
	Quando acabou o espectáculo a bateria e a guitarra foram jantar juntos.			
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Guitarra Louca		preto e branco, tinha forma de um 8	muito fixe
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Bateria		autocolante de uma chama de fogo	
Espaço	Refere		Não refere	
	o relvado do campo de futebol			
Tempo	Refere		Não refere	
			X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente
		X		
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>	
	Sim	Sim	Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim	Não	

Apêndice 3

Estrutura da Narrativa		Atividade 2		(Aluno: S)
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
				X
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Era uma vez uma menina chamada Daniela			
Desenvolvimento	Existe diálogo			
Conclusão	Existe		Não Existe	
	Quando a Daniela ia para a escola a guitarra pulava para o sofá e deixava-se assim, até adormecer.			
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterizaçã o Física	Caracterização Psicológica
	Daniela			
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterizaçã o Física	Caracterização Psicológica
	Pai e guitarra		Guitarra: Era castanho clarinho, tinha uma forma de 8	Guitarra: Fazia um barulho muito alto
Espaço	Refere		Não refere	
	Em casa			
Tempo	Refere		Não refere	
			X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente
		X		
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>	
	Sim	Não	Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim	Sim.	

Apêndice 4

Estrutura da Narrativa			Atividade 2		(Aluno: B)
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
					X
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Flauta amarela chamada Kitty				
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe			Não Existe	
				X	
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Kitty			amarela	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
		X			
Espaço	Refere			Não refere	
				X	
Tempo	Refere			Não refere	
				X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
					X
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância</u> <u>Gênero/númer</u> <u>o</u>	<u>Indicação de uma</u> <u>data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim	Não		Não	
	<u>Ordenação: S,</u> <u>V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim		Não	

Apêndice 5

Estrutura da Narrativa			Atividade 2		(Aluno: C)
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
					X
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Era uma flauta chamada Cati				
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe			Não Existe	
				X	
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Cati			Dourada, parecia um pau e tinha pernas	Som fininho
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
		X			
Espaço	Refere			Não refere	
				X	
Tempo	Refere			Não refere	
				X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
				X	
Coesão Textual	Coesão Frásica		Coesão Temporal	Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>		<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>	
	Sim		Não	Sim	
	<u>Ordenação: S., V., C.D., C.I.</u>		<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>	
	Sim		Sim	Não	

Apêndice 6

Estrutura da Narrativa			Atividade 2		(Aluno: C.M.)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
						X
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
	Era um violino castanho de uma menina chamada Sara					
Desenvolvimento	Existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
				X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Sara				Tinha 18 anos	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Pai e violino			Violino: castanho		
Espaço	Refere			Não refere		
				X		
Tempo	Refere			Não refere		
				X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
		X				
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>		
	Sim	Não		Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim		Não		

Apêndice 7

Estrutura da Narrativa			Atividade 2		(Aluno:M.)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
						X
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
	Era uma vez uma viola velha que um dia a Matilde foi buscar					
Desenvolvimento	Não existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
	A Matilde ficou muito contente e fez um estetacolo de viola.					
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Viola velha			roxa e preta		
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Matilde				Contente	
Espaço	Refere			Não refere		
				X		
Tempo	Refere			Não refere		
				X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
		X				
Coesão Textual	Coesão Frásica		Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>		<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim		Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>		<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim		Sim		Não	

Apêndice 8

Estrutura da Narrativa		Atividade 3		(Aluno:L)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
				☒	
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	Era uma vez um animal chamado tigrebarão	vivia numa selva			
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
	Ele foi outra vez para a escola dele e viveu feliz para sempre				
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Tigrebarão		corpo e cabeça de tigre, cauda de tubarão	muito perigoso	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
		X			
Espaço	Refere		Não refere		
	Na selva				
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
		X			
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Não	Sim		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		

Apêndice 9

Estrutura da Narrativa		Atividade 3		(Aluno:S)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
				X	
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	Era uma vez um animal chamado Voulinda				
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
	e viveram felizes para sempre				
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Voulinda		corpo de cão com pêlo, cabeça de pelicano e asas de pássaro; é pequenina só tem 3 aninhos; era azul e amarela	Independente	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Antigo amigo				
Espaço	Refere		Não refere		
	A saída de sua casa				
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
		X			
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Não	Sim		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		

Apêndice 10

Estrutura da Narrativa		Atividade 3		(Aluno:B)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
				X	
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	A cadelinha pássaro				
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
			X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Cadelinha pássaro		Vermelha e azul, às riscas	Bebé	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
		X			
Espaço	Refere		Não refere		
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
			X		
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Não	Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		

Apêndice 11

Estrutura da Narrativa			Atividade 3		(Aluno:C)
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
					X
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Era uma vez uma hienatigre chamada Oca				
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe			Não Existe	
				X	
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Hienatigre chamada Oca			cabeça é vermelha, dourado e amarela; pêlo era de cão e as patas de gato	Triste
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	X			Asas azuis e cabelo castanho	
Espaço	Refere			Não refere	
				X	
Tempo	Refere			Não refere	
				X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
				X	
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Não	Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim		Não	

Apêndice 12

Estrutura da Narrativa		Atividade 3		(Aluno:M)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
				X	
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	Há muito, muito tempo havia um nome muito esquisito que se chamava leopato	Floresta escura			
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
	ficaram felizes para sempre.				
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Leopato		metade de pêlo e metade sem pêlo e tem cauda de pato e cabeça de leopardo	Muito esquisito	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
		X			
Espaço	Refere		Não refere		
	Floresta escura				
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
		X			
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Não	Sim		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		

Apêndice 13

Estrutura da Narrativa			Atividade 3		(Aluno:C.M.)
Título	Adequado	Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
					X
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
	Não	Não		Não	
Desenvolvimento	Existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
			X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Formita			É preto, vive na lama, anda devagar e roda com a carapaça	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
		X			
Espaço	Refere		Não refere		
	Espanha				
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
				X	
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Não	Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim		Não	

Apêndice 14

Estrutura da Narrativa			Atividade 4		(Aluno:L)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
	Uma cidade cheia de pessoas					
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
	Personagem colectiva: Pessoas		havia uma cidade cheia de pessoas O chão da cidade era roxo, as casas eram coloridas e o sol era laranja misturado com amarelo.			
Desenvolvimento	Não existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
				X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	X				Simpáticas	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
		X				
Espaço	Refere			Não refere		
	Brasil					
Tempo	Refere			Não refere		
				X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
				X		
Coesão Textual	Coesão Frásica		Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>		<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim		Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>		<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim		Não		Não	

Apêndice 15

Estrutura da Narrativa			Atividade 4		(Aluno:S)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
	A cidade fantástica					
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
			Era uma vez uma cidade muito bonita; Havia árvores lindas, meninas e meninos nas escolas casas tão grandes por dentro mas pequenos eram os quitais			
Desenvolvimento	Não existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
	Naquela cidade todos estavam felizes					
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Crianças				Contentes	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Mães					
Espaço	Refere			Não refere		
	Na cidade					
Tempo	Refere			Não refere		
				X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
		X				
Coesão Textual	Coesão Frásica		Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>		<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim		Não	Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>		<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim		Sim	Não		

Apêndice 16

Estrutura da Narrativa		Atividade 4		(Aluno:B)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
	A mundo das cores				
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
		Era uma vez , já há muito tempo que existiu o mondo das cores			
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
			X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Pessoas (personagem colectiva)				
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
		X			
Espaço	Refere		Não refere		
			X		
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
			X		
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Não	Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Não	Sim	Não		

Apêndice 17

Estrutura da Narrativa			Atividade 4		(Aluno:C)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
					A cidade bonita	
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
	Era uma vez uma menina		vivia numa casa amarelo que tinha uma janela redonda muito bonita.			
Desenvolvimento	Não existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
	E viveram felizes para sempre					
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Menina			vestido azul		
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Amiga			Vestido cor-de-rosa		
Espaço	Refere			Não refere		
				X		
Tempo	Refere			Não refere		
	Era inverno					
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
		X				
Coesão Textual	Coesão Frásica		Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>		<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Não		Não		Sim	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>		<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim		Sim		Não	

Apêndice 18

Estrutura da Narrativa			Atividade 4		(Aluno:C.M)
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
	A cidade colorida				
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	Era uma vez uma menina chamada Neusa		vivia na Cidade Colorida		
Desenvolvimento	Existe diálogo				
Conclusão	Existe			Não Existe	
				X	
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Neusa				
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Cristina				
Espaço	Refere			Não refere	
	Cidade colorida				
Tempo	Refere			Não refere	
				X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
				X	
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim	Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim		Não	

Apêndice 19

Estrutura da Narrativa		Atividade 4		(Aluno:M)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
			O dia e a noite		
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	Era uma vez uma menina chamada Maria				
Desenvolvimento	Existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
	E viveram felizes para sempre				
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Maria		Vestido violeta		
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Carolina				
Espaço	Refere		Não refere		
	spa				
Tempo	Refere		Não refere		
	Das 3h às 6h				
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
		X			
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Sim	Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		

Apêndice 20

Estrutura da Narrativa			Atividade 5		(Aluno:L)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
	O piano e a flauta					
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
	Era uma vez um piano que sabia cantar muito bem					
Desenvolvimento	Não existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
	viveram felizes para sempre					
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Piano				Cantava bem; muito falador.	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Flauta					
Espaço	Refere			Não refere		
	Numa festa					
Tempo	Refere			Não refere		
				X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
		X				
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical		
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>		
	Não	Não		Sim		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>		
	Sim	Não		Não		

Estrutura da Narrativa			Atividade 5		(Aluno:S)	
Título	Adequado		Pouco Adequado		Nada Adequado	Não refere
	O lindo bosque					
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço		Apresenta o tempo	
			Era uma vez um lindo bosque, era um bosque único não avia igual, era grande, florido			
Desenvolvimento	Existe diálogo					
Conclusão	Existe			Não Existe		
				X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Príncipe					
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Meninas				Entusiasmadas	
Espaço	Refere			Não refere		
	X					
Tempo	Refere			Não refere		
				X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente	
				X		
Coesão Textual	Coesão Frásica		Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Género/número</u>		<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim		Não		Não	
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>		<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim		Sim		Não	

Apêndice 22

Estrutura da Narrativa		Atividade 5		(Aluno:B)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
	A música suave				
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
			na noite de Natal		
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
			X		
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Pessoas				
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
		X			
Espaço	Refere		Não refere		
			X		
Tempo	Refere		Não refere		
	X				
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
			X		
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Não	Não	Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Não	Não		

Apêndice 23

Estrutura da Narrativa			Atividade 5		(Aluno:C)
Título	Adequado		Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere
	Neuza				
Introdução	Apresenta as personagens		Apresenta o espaço	Apresenta o tempo	
	A princesa chamava-se Neuza				
Desenvolvimento	Não existe diálogo				
Conclusão	Existe			Não Existe	
	Viveram felizes para sempre				
Personagem Principal	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Neuza				
Personagens secundárias	Existe	Não Existe		Caracterização Física	Caracterização Psicológica
	Príncipe				
Espaço	Refere			Não refere	
	Restaurante				
Tempo	Refere			Não refere	
				X	
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente		Pouco coerente	Nada coerente
				X	
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal		Coesão Lexical	
	<u>Concordância Gênero/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>		<u>Repetição</u>	
	Sim	Não		Não	
	<u>Ordenação: S. V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>		<u>Antonímia</u>	
	Sim	Sim		Não	

Apêndice 24

Estrutura da Narrativa		Atividade 5			(Aluno:C.M)
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
	O casamento do príncipe				
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	Era uma vez um príncipe chamado Tomás e uma princesa chamada Violeta				
Desenvolvimento	Existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
	Viveram felizes para sempre				
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Tomás e Violeta				
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Mãe				
Espaço	Refere		Não refere		
			X		
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
		X			
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Sim	Sim		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		

Apêndice 25

Estrutura da Narrativa		Atividade 5		(Aluno:M)	
Título	Adequado	Pouco Adequado	Nada Adequado	Não refere	
	O casamento da Carolina				
Introdução	Apresenta as personagens	Apresenta o espaço	Apresenta o tempo		
	Era uma vez uma menina chamada Carolina				
Desenvolvimento	Existe diálogo				
Conclusão	Existe		Não Existe		
	Viveram felizes para sempre				
Personagem Principal	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Carolina			Apaixonada	
Personagens secundárias	Existe	Não Existe	Caracterização Física	Caracterização Psicológica	
	Afonso				
Espaço	Refere		Não refere		
	Na janela				
Tempo	Refere		Não refere		
			X		
Coerência Textual	Muito coerente	Razoavelmente coerente	Pouco coerente	Nada coerente	
		X			
Coesão Textual	Coesão Frásica	Coesão Temporal	Coesão Lexical		
	<u>Concordância Género/número</u>	<u>Indicação de uma data</u>	<u>Repetição</u>		
	Sim	Não	Não		
	<u>Ordenação: S, V., C.D., C.I.</u>	<u>flexão verbal</u>	<u>Antonímia</u>		
	Sim	Sim	Não		